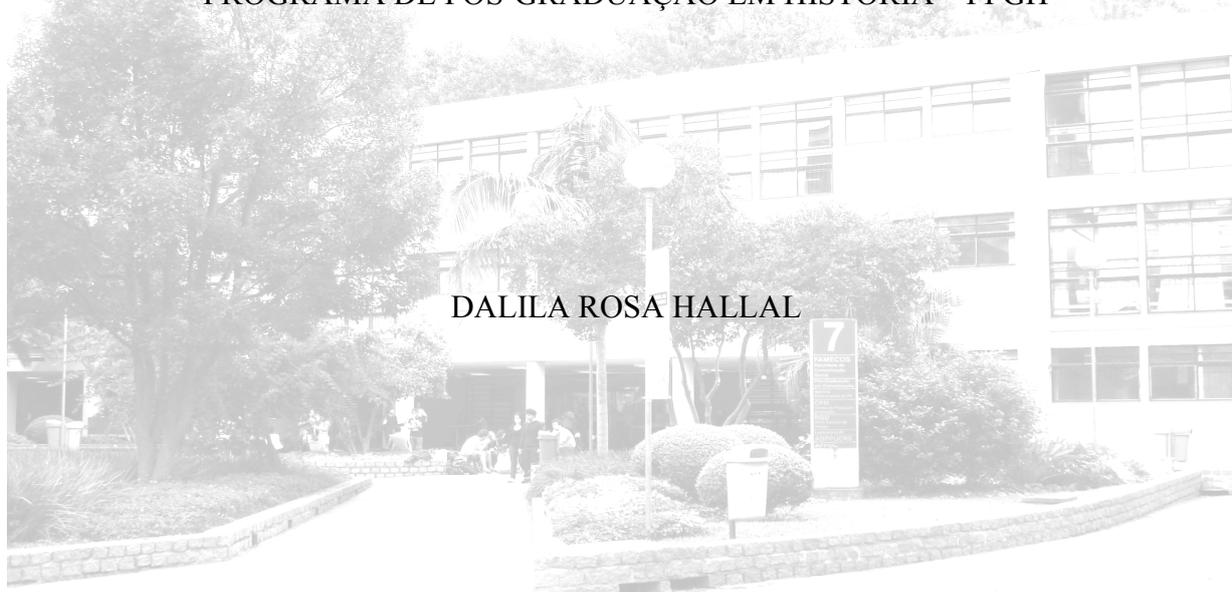


PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH



DALILA ROSA HALLAL

**O CURSO DE TURISMO DA PUCRS:
A trajetória dos seus 38 anos de existência -
do Bacharelado (1972) ao Tecnólogo (2010)**



Porto Alegre,
2010

DALILA ROSA HALLAL

O CURSO DE TURISMO DA PUCRS:
A trajetória dos seus 38 anos de existência –
do Bacharelado (1972) ao Tecnólogo (2010)

Tese apresentada como requisito para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Maria Helena Camara Bastos

Porto Alegre

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H416c Hallal, Dalila Rosa
O Curso de Turismo da PUCRS: a trajetória dos
seus 38 anos de existência – do Bacharelado (1972) ao
Tecnólogo (2010) / Dalila Rosa Hallal. Porto Alegre,
2010.
468.: il.

Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação,
PUCRS, 2010.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Camara
Bastos.

1. História do Ensino Superior de Turismo. 2.
Turismo – Ensino. 3. Memória. 4. Curso de Turismo
da PUCRS. 5. História Oral. I. Bastos, Maria Helena
Camara. II. Título.

CDD 380.8

Bibliotecária Responsável

Isabel Merlo Crespo
CRB 10/1201

DALILA ROSA HALLAL

O CURSO DE TURISMO DA PUCRS:

A trajetória dos seus 38 anos de existência –
do Bacharelado (1972) ao Tecnólogo (2010)

Tese apresentada como requisito para obtenção do
grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação da
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do
Sul

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Mirian Rejowski USP

Prof.^a. Tânia Elisa Morales Garcia UFPel

Prof.^a Susana de Araújo Gastal PUCRS

Prof. Charles Monteiro PUCRS

Prof.^a Maria Helena Camara Bastos PUCRS

AGRADECIMENTOS

“O pesquisador no país do outro”... Partindo dessa metáfora proposta por Amorim (2004) para definir a natureza da pesquisa em ciências humanas, quero manifestar reconhecimento às pessoas e grupos que tomaram assento ao meu lado, intencional ou inadvertidamente, nessa “viagem” que empreendi.

... à meus pais Maria Gladys e Samir, presenças constantes neste percurso. Pela referência, incentivo, compreensão, paciência e amor em todos os momentos. Sem vocês, hoje não seria quem sou. Não teria feito às escolhas que fiz, não teria concluído mais essa etapa. Me orgulho de tê-los como pais.

... ao Antonio Tiago, meu querido companheiro, minha gratidão pelas nossas conquistas diárias. Esse trabalho foi mais uma delas.

... à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Maria Helena Camara Bastos, que em todos os momentos, me estimulou, acreditou e apostou em mim e na viabilidade deste estudo. Neste tempo de convivência, os desafios propostos pela professora Maria Helena promoveram meu crescimento intelectual e pessoal. Tendo-me desmontado e tendo-me reconstruído, pouco a pouco, compartilhamos a experiência da convivência e da aprendizagem. Agradeço tua efetiva orientação, disponibilidade ao longo da produção do trabalho e, por tudo o que representas como professora e pesquisadora.

... à Prof.^a Dr.^a Tânia Elisa Garcia, minha tutora no sentido real da palavra, pelo incentivo no ingresso no doutorado, pela sensibilidade de visualizar e me indicar, quando ainda não compreendia, o caminho a ser seguido.

... aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, por seu mérito e excelência, que me oportunizaram reflexão, estudo e produção científica em tempos e saberes diversos.

... aos colegas do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS,

... à todos os professores do Curso de Turismo da PUCRS, por continuarem lutando por seus ideais.

... à Universidade Federal de Pelotas, pelo esforço empreendido em conceder quatro anos de licença.

... às/aos colegas do Departamento de Administração e Turismo da Universidade Federal de Pelotas, com quem vivencio as noções de grupo sujeito, construção coletiva e respeito mútuo.

... aos professores doutores Charles Monteiro, Susana Gastal, e Núncia Constantino, cujos olhares cuidadosos e competentes sobre o projeto de tese contribuíram para que eu reconhecesse novas perspectivas de trabalho.

... aos familiares próximos – pelo amor e confiança inabaláveis.

... ao meu irmão Rafael, pelo carinho como fui acolhida, por ter sido meu anfitrião e me receber em sua casa.

... à Dalila Müller, Débora Clasen de Paula, e, posteriormente Mariluci Vargas, com quem convivi e dividi muito mais que uma morada, pelos diferentes momentos de aprendizagem e partilha. Pela palavra amiga, conselhos de sabedoria feitos com um sorriso de chegada e um abraço de despedida. Pelas muitas horas de partilha, cumplicidade e incentivo. Por tudo que vivemos nessa etapa de nossas vidas, numa amizade que continua para além do ambiente acadêmico.

... às “*gurias*”, incluindo o Edgar, responsáveis por terem me lançado aos vícios... do gosto pelo estudo, da curiosidade intelectual, da atitude investigativa e, sobretudo, do compromisso ético-político com a educação. Com vocês descobri que “é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia” (Clarice Lispector). Por instaurarem ricas

possibilidades de diálogo e aceitarem o deslocamento de lugares, durante nossas saídas, que possibilitam diversos olhares sobre a vida.

... à Ângela Pomati, Débora Clasen de Paula e Sibebe Machado de Freitas, que me ajudaram no trabalho de coleta de dados, transcrição de entrevistas e digitação da pesquisa.

... à Nôris Duarte, pelo carinho e pela correção do português.

... aos amigos, que trilham caminhos diversos, no entanto, nos fazem continuar na certeza que estaremos sempre unidos. Muitos sem saber, de perto ou de longe, estimularam, desafiaram, apoiaram, fortalecendo-me na empreitada.

... especialmente a todos os narradores pelas memórias que comigo compartilharam. Pelo carinho da acolhida, momentos de aprendizagem e cumplicidade na emoção que muitas vezes nos envolveu junto ao ato de recordar. Nosso estudo teve o privilégio de contar com aqueles que com suas presenças fizeram e fazem no cotidiano o Curso de Turismo da PUCRS ser quem é, professores, alunos, servidor técnico-administrativo, que construíram coletiva, árdua e prazerosamente durante quase 40 anos, um conhecimento voltado para a paz, para a justiça social, para o bem comum, creio que estão todos de parabéns. Emprestaram-me suas vozes para que eu pudesse contar essa história. Sem vocês, sua sabedoria, esta Tese não existiria.

Há 50 anos, nas Grandes Veredas do Sertão, Guimarães Rosa dizia que:

Só quando se tem rio fundo, ou cava de buraco, é que a gente por riba põe ponte...

Assim, a vida quer da gente coragem. A nossa realidade é funda. Que façamos juntos muitas pontes.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo compreender o percurso institucional do curso de graduação em Turismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), ao longo dos seus 38 anos (1972 – 2010), desde os anseios embrionários de seus fundadores aos discursos de seus protagonistas atuais, trazendo subsídios para reflexões acerca do contexto histórico-social e dos desafios do curso. Apresenta o seu processo histórico, pioneirismo, inserção e relevância para o estado do Rio Grande do Sul, especialmente para a profissionalização qualificada da atividade turística. Além de atentar para a trajetória do curso de turismo – o contexto de criação, a atualidade, a extinção e a criação de um curso de tecnólogo na área –, discorre-se sobre o ensino superior em Turismo no Brasil. A pesquisa adota a metodologia da história oral, destacando-se as entrevistas, que foram realizadas no período de 2008 a 2010. Também foram coletados documentos variados. Este é, pois, um estudo sobre memórias de professores, de ex-professores, de ex-alunos e de pessoas envolvidas com o turismo acerca do Curso Superior de Turismo da PUCRS. Para além da reconstrução da história deste curso, a investigação está interessada nos sentidos e significados atribuídos pelos narradores as suas vivências nesse espaço, nos modos como compõem suas reminiscências, nas lembranças e nos esquecimentos que ativamente construíram quando insitados, provocados, mobilizados pelas memórias, a narrá-las nas entrevistas. Assim, o curso de turismo foi o motivo e o tema das falas, e estas, por sua vez, os fios da trama desta investigação. O estudo acompanha e analisa as três fases do curso: a inicial, de criação, que vai de 1972 a 1976; a segunda, a consolidação – de 1976 ao final da década de 1990; e a terceira, a atualidade – do final da década de 1990 a 2010. Embora o curso tenha se consolidado e contribuído para os avanços nos estudos turísticos no Brasil, em 2010, foi extinto e iniciou o Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo. Estes acontecimentos não o aniquilam, eles o tornam inteligível, ao percebermos as relações de um curso com seu tempo. A análise das memórias permite avaliar que o curso seguiu uma trajetória consoante às condições do contexto em que se desenvolveu. O curso foi criado, transformou-se, tornou-se um curso de qualidade, sofreu as mudanças que afetaram o ensino brasileiro em Turismo, enfim, viveu a História em seu sentido pleno, o que permite afirmar que a história do curso de Turismo da PUCRS representa a história da educação superior em Turismo no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: História. Ensino Superior de Turismo. Curso de Turismo da PUCRS. História Oral.

ABSTRACT

This research aims at understanding the institutional route of the undergraduate course in Tourism of the Catholic University in Rio Grande do Sul (PUCRS), along its 38 years (1972-2010), since the embryonic expectations of its founders to the discourses of its present protagonists, bringing subsidies for reflections about the historic-social context and challenges of the course. It presents its historical process, pioneering, insertion and relevance for the State of Rio Grande do Sul, specially for the qualified professionalization of the touristic activity. Besides considering the route of the tourism course – creation context, actuality, extinction, and the creation of a technological course in the area – one writes about the higher Tourism education in Brazil. The research embraces the oral history methodology, by highlighting interviews performed in the period of 2008-2010. Several documents were also collected. Consequently, this is a study about professors', former professors, alumni and people involved with tourism memories concerning the Higher Course of Tourism at PUCRS. Far beyond the reconstruction of history of this course, the investigation is interested in the senses and meanings attributed by the narrators and their personal experiences within this space, in the ways in which they compose their reminiscences, memories and forgetfulness which they actively built when elicited, provoked, and mobilized by their memories, in order to narrate them in the interviews. So, the tourism course was the motive and the theme for the talks, and these in turn were the threads of the web in the investigation. The study follows and analyses the three stages of the course: beginning with its creation, from 1972 to 1976; secondly, its consolidation from 1976 to the end of the 1990's; and thirdly, the present day, from the end of the 1990's to 2010. Though the course has consolidated itself as well as contributed to the advances in the touristic studies in Brazil, it was extinguished and the Higher Course in Tourism Management Technology began. These events did not annihilate it, but they make it intelligible when one realizes the relationships of one course to its time. The analysis of such memories allows us to assess that the course followed a route according to the context conditions in which it developed. The course was created, changed, and became a quality course, undergoing the changes which affected the teaching of Brazilian tourism, and finally lived a History in its full sense, and this allows us to state that the history of the Tourism course at PUCRS represents the history of the higher Tourism education in Brazil.

Key words: History. Higher Tourism Education. Tourism Course at PUCRS. Oral History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

	página
Ilustração 1 – Turismo: a estratégia gaúcha (1972).....	90
Ilustração 2 – Correio do Povo/RS, 06/06/1972, p. 04.....	93
Ilustração 3 – Correio do Povo/RS, 08/06/1972, p. 04.....	94
Ilustração 4 – Correio do Povo/RS, 16/06/1972, p. 08.....	95
Ilustração 5 – Correio do Povo/RS, 21/02/1973, p. 28.....	97
Ilustração 6 – Correio do Povo/RS, 02/02/1973, p. 01.....	100
Ilustração 7 – Correio do Povo/RS, 28/03/1973, p. 13.....	114
Ilustração 8 – Correio do Povo/RS, 22/10/1972, p. 41.....	127
Ilustração 9 – Correio do Povo/RS, 26/10/1972, p. 13.....	129
Ilustração 10 – Correio do Povo/RS, 13/07/1972, p. 13.....	132
Ilustração 11 – Correio do Povo/RS, 16/07/1972, p. 10.....	133
Ilustração 12 – Correio do Povo/RS, 18/02/1973, p. 12.....	135
Ilustração 13 – Obras da FAMECOS/PUCRS – 1972.....	163
Ilustração 14 – Correio do Povo/RS, 06/11/1971, p. 12.....	164
Ilustração 15 – Correio do Povo/RS, 15/08/1972, p. 08.....	174
Ilustração 16 – Correio do Povo/RS, 15/08/1972, p. 09.....	175
Ilustração 17 – Correio do Povo/RS, 07/09/1972, p. 20.....	175
Ilustração 18 – Correio do Povo/RS, 03/08/1972, p. 10.....	176
Ilustração 19 – Correio do Povo/RS, 27/09/1972, p. 09.....	177
Ilustração 20 – Correio do Povo/RS, 18/10/1972, p. 11.....	178
Ilustração 21 – Correio do Povo/RS, 09/06/1973, p. 10.....	182
Ilustração 22 – Correio do Povo/RS, 25/10/1973, p. 16.....	184
Ilustração 23 – Correio do Povo/RS, 12/08/1976, p. 12.....	200
Ilustração 24 – Correio do Povo/RS, 13/08/1976, p. 10.....	201
Ilustração 25 – Convite de Formatura da primeira turma de Turismo FAMECOS/PUCRS, 1976.....	202
Ilustração 26 – Foto da Formatura da primeira turma do Turismo, 1976 (da esquerda para direita – Elisabet Maria Fleck, Ondina Maria O. da Silveira, Diney Adriana Oliveira, Norma Martini Moesch, Ana Luiza de Almeida Oliveira, Carmem Lucia Lima de Oliveira e Dea Lucia Coufal).....	203
Ilustração 27 – Correio do Povo/RS, 15/08/1976, p. 35.....	203
Ilustração 28 – Correio do Povo/RS, 15/08/1976, p. 35.....	204
Ilustração 29 – Correio do Povo/RS, 17/10/1976, p. 10.....	205
Ilustração 30 – Correio do Povo/RS, 16/12/1976, p. 11.....	206

Ilustração 31 – Correio do Povo/RS, 10/07/1974, p. 10.....	213
Ilustração 32 – Correio do Povo/RS, 06/07/1974, p. 10.....	215
Ilustração 33 – Correio do Povo/RS, 10/07/1974, p. 11.....	216
Ilustração 34 – Correio do Povo/RS, 13/08/1974, p. 07.....	220
Ilustração 35 – Correio do Povo/RS, 07/05/1974, p. 11.....	221
Ilustração 36 – Correio do Povo/RS, 28/11/1974, p. 12.....	222
Ilustração 37 – Correio do Povo/RS, 23/01/1975, p. 04.....	229
Ilustração 38 – Correio do Povo/RS, 27/07/1976, p. 12.....	231
Ilustração 39 – Correio do Povo/RS, 07/09/1976, p.06.....	233
Ilustração 40 – Jornal Hipertexto, 2002, p. 07.....	274

LISTA DE QUADROS

	página
Quadro 1 – Os Narradores da Pesquisa.....	53
Quadro 2 – Alguns Cursos Superiores de Turismo, criados na década de 1970, no Brasil.....	125
Quadro 3 – Programas de Pós-Graduação em Turismo no Brasil.....	158
Quadro 4 – Currículo do curso de Turismo – 1972.....	180
Quadro 5 – Coordenadores do Departamento de Turismo – 1972 a 2009....	183
Quadro 6 – Currículo do Curso de Turismo – 1973.....	183
Quadro 7 – Professores e suas disciplinas.....	225
Quadro 8 - Estrutura Curricular do Curso – 1976.....	227
Quadro 9 – Proposta de Currículo Mínimo para os cursos de Turismo do III ENBETUR, 1981.....	239
Quadro 10 – Proposta de Currículo da EMBRATUR para os cursos de Turismo, 1981.....	239
Quadro 11 – Currículo Implantado em 1994.....	250
Quadro 12 – Currículo do Curso 2004.....	267
Quadro 13 – Cursos de Turismo no Rio Grande do Sul.....	272

LISTA DE ANEXOS

	página
ANEXO A– Termo de Cessão ou de Autorização.....	339
ANEXO B – Currículo Mínimo de Curso Superior de Turismo.....	371
ANEXO C – II Congresso Nacional de Turismo.....	372
ANEXO D – CELAR – Centro de Estudos de Lazer da PUCRS.....	374
ANEXO E – Folder das Comemorações dos 20 anos do curso de Turismo da PUCRS.....	387
ANEXO F – Discurso da Professora Norma Moesch durante as comemorações dos 25 anos do Curso de Turismo da PUCRS.....	390
ANEXO G – Revista Experiência, 1997.....	392

LISTA DE APÊNCICES

	página
APÊNDICE A – Roteiros das entrevistas.....	416
APÊNDICE B – Os Guias da Pesquisa: Os Narradores.....	422
APÊNDICE C – Inscritos no vestibular, matrículas e concluintes do curso de Turismo/PUCRS.....	453
APÊNDICE D – Docentes do Curso, atividades do Departamento de Turismo, Participação do Curso em eventos e Conferências, Palestras ou cursos proferidos pelos docentes.....	457

LISTA DE SIGLAS

ABAV Associação Brasileira dos Agentes de Viagens
ABBTUR Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo
ABDETH Associação Brasileira de Dirigentes de Escolas de Turismo e Hotelaria
ABIH Associação Brasileira da Indústria Hoteleira
ABRAJET Associação Brasileira dos Jornalistas de Turismo
ABRASEL Associação Brasileira de Bares e Restaurantes
ADVB Associação dos Dirigentes de Vendas do Brasil
AIEST Association Internationale d'Experts Scientifiques du Tourisme
AJOTUR Associação dos Jornalistas de Turismo
BNDS Banco Nacional de Desenvolvimento Social
CAAP Centro Acadêmico “Alberto Pasqualini”
CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBTUR Congresso Brasileiro de Turismo
CCJEA Centro de Ciências Jurídicas, Econômicas e Administrativas UFSM
CELAR Centro de Estudos de Lazer e Recreação da PUCRS
CENTRETUR Centro de Treinamento em Turismo
CESF Centro de Ensino Superior Cenecista de Farroupilha
CET Conselho Estadual de Turismo
CFA Conselho Federal de Administração
CFE Conselho Federal de Educação
CITUR Comissão Inter-setorial de Turismo
CNE Conselho Nacional de Educação
CNPq Conselho Nacional de Pesquisa
CNTUR Conselho Nacional de Turismo
COC Instituto de Ensino Superior
COMBRATUR Comissão Brasileira de Turismo
COMTUR Conselho Municipal de Turismo
CONFATESP Conselho das Faculdades de Turismo do Estado de São Paulo
CONTUR Congresso Nacional de Turismo
COODESTUR Cooperativa de Formação e Desenvolvimento do Produto Turístico Ltda
COTAL Congresso Extraordinário das Organizações Turísticas da América Latina
CPETUR Centro de Pesquisas e Estudos Turísticos da Morumbi
CRP Centro de Relações Públicas da USP - atual Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo
CRTUR Companhia Riograndense de Turismo
CUPET Centro Universitário de Pesquisa e Estudos de Turismo da PUCRS
DAER Departamento Autônomo de Estradas e Rodagem
DEATUR Delegacia Especializada em Atendimento ao Turista
DOP Departamento de Obras Públicas
DOU Diário Oficial da União
ECA Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo
EDIPUCRS Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
EMBRATUR Empresa Brasileira de Turismo
EMBRATUR Instituto Brasileiro de Turismo
ENBETUR Encontro Nacional de Bacharéis e Estudantes de Turismo
ENEM Exame Nacional do Ensino Médio
EPATUR Empresa Porto Alegrense de Turismo

EPB Estudo de Problemas Brasileiros
EUA Estados Unidos da América
FAACS Faculdade Anglo-Americano de Caxias do Sul
FAAPF Faculdade Anglo-Americano de Passo Fundo
FACCAT Faculdades Integradas de Taquara
FACE Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia
FACEBG Faculdade Cenecista de Bento Gonçalves
FACSALLE Faculdade de Tecnologia La Salle - Estrela
FAMECOS Faculdade de Comunicação Social
FARGS Faculdades Riograndenses
FAT Faculdade de Turismo do Morumbi
FEARTE Fórum Espírita de Arte
FEEVALE Centro Universitário Feevale
FHC Fernando Henrique Cardoso
FIPE Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas
FISUL Faculdade de Integração do Ensino Superior do Cone Sul
FMI Fundo Monetário Internacional
FTECBRASIL Faculdade de Tecnologia Tecbrasil
FUNGETUR Fundo Geral do Turismo
GE Guia do Estudante
GT Grupo de Trabalho
IAST International Academy for Study of Tourism
IATA International Air Transport Association
IBAMA Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais
IBRATUR Instituto Brasileiro de Turismo
IDEAU Faculdade de Getúlio Vargas
IES Institutos de Ensino Superior
INEP Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio
INIBERO Centro Universitário Íbero-Americano
INTERCOM Sociedade Brasileira de Ciências da Comunicação
IPA Centro Universitário Metodista
IUOTO União Internacional de Organizações Oficiais de Viagens
LDB Lei de Diretrizes e Bases
LDBEN Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC Ministério da Educação
MICT Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo
MTUR Ministério do Turismo
OCDE Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMT Organização Mundial do Turismo
ONGs Organizações não Governamentais
PARANATUR Empresa Paranaense de Turismo
PIB Produto Interno Bruto
PIEM Programa de Integração Estado-Município
PLANTUR Plano Nacional de Turismo
PNMT Programa Nacional de Municipalização do Turismo
PNT Política Nacional de Turismo
PP Publicidade e Propaganda
PPCT Projeto de Criação do Curso de Turismo
PRO UNI Programa Universidade para Todos
PUCRS Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

PUCs Pontifícia Universidades Católicaas
RP Relações Públicas
RS Rio Grande do Sul
SENAC Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SESC Serviço Social do Comércio
SESU Secretaria de Ensino Superior
SETUR Secretaria Estadual de Turismo
SETUR Serviço Estadual de Turismo
SUDESUL Superintendência de Desenvolvimento da Região Sul
TTRA Travel and Tourism Research Association
UAM Universidade Anhembi Morumbi
UCB Universidade Católica de Brasília
UCP Universidade Católica de Petrópolis
UCPEL Universidade Católica de Pelotas
UCS Universidade de Caxias do Sul
UFPEL Universidade Federal de Pelotas
UFRGS Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN Universidade Federal do RN
UFMS Universidade Federal de Santa Maria
ULBRA Universidade Luterana do Brasil
UNA Centro Universitário UNA
UNB Universidade de Brasília
UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICRUZ Universidade de Cruz Alta
UNIDERP Universidade Anhanguera
UNIFRA Centro Universitário Franciscano
UNILASALLE Centro Universitário La Salle
UNIPAMPA Fundação Universidade Federal do Pampa
UNISC Universidade de Santa Cruz do Sul
UNISINOS Universidade do Vale do Rio dos Sinos
UNISUL Universidade do Sul de Santa Catarina
UNIVALI Universidade do Vale do Itajaí
UNIVATES Centro Universitário Univates
UNOPAR Universidade Norte do Paraná
UPF Universidade de Passo Fundo
USAID United States Agency for International Development
USBEE União Sul Brasileira de Educação e Ensino
USP Universidade de São Paulo
VARIG Viação Aérea Rio Grandense

SUMÁRIO

	página
AGRADECIMENTOS	03
RESUMO	05
ABSTRACT	07
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	09
LISTA DE QUADROS	11
LISTA DE ANEXOS	12
LISTA DE APÊNDICES	13
LISTA DE SIGLAS	14
INTRODUÇÃO	19
PARTE I – ITINIRÁRIOS DA PESQUISA	33
Capítulo 1 Construindo o Percorso da Pesquisa	34
1.1 Trajetos Teóricos da Pesquisa	34
1.2 Roteiro Investigativo da Pesquisa	42
1.3 Os Guias da Pesquisa.....	52
PARTE II – O TURISMO E OS CURSOS DE TURISMO	60
Capítulo 2 Contexto Histórico-social do Turismo	61
2.1 O Turismo no Brasil.....	62
2.2 O Turismo no Rio Grande do Sul.....	75
Capítulo 3 Os Cursos Superiores em Turismo	107
3.1 Ensino Superior em Turismo no Mundo.....	108
3.2 Ensino Superior em Turismo no Brasil.....	111
3.3 O Turismo como objeto de estudo e o Conhecimento Científico em Turismo.....	149
PARTE III – PERCURSOS DO CURSO DE TURISMO – PUCRS	160
Capítulo 4 A Emergência do Curso (1972 – 1975)	161
4.1 O Processo de Constituição do Curso.....	165
4.2 A Construção do Currículo do Curso.....	170
4.3 O Curso de Turismo e a FAMECOS.....	185
4.4 Corpo Docente.....	190
4.5 Os Alunos.....	194
4.6 As Turmas Pioneiras.....	198

4.7 Desafios Iniciais.....	207
4.8 O Curso e suas Relações Locais e Nacionais.....	208
Capítulo 5 A Consolidação do Curso (1976 ao final da década de 1990)	224
5.1 O Processo de Reconhecimento do Curso.....	224
5.2 O Curso após o Reconhecimento.....	230
5.3 O Processo de Reestruturação Curricular do Curso.....	246
Capítulo 6 O Curso na Atualidade (do final da década de 1990 a 2010)	265
6.1 O Constante Processo de Mudanças do Curso.....	265
6.2 Os Alunos e a hospitalidade do Curso.....	279
6.3 A Pós-Graduação em Turismo na PUCRS e o Turismo enquanto Área de Conhecimento.....	281
6.4 Impasses, Crises e Rupturas no Curso.....	289
6.5 Transferência do Curso para a Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Econômicas FACE e seu Processo de Extinção.....	300
6.6 Fazendo às Pontes: entre o Passado e o Presente.....	313
FINALIZANDO: do Bacharel ao Tecnólogo	318
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	324
ANEXOS	338
APÊNDICES	415

INTRODUÇÃO

REMINICÊNCIAS

*Cheguei propositalmente mais cedo.
Necessitava ouvir o silêncio, para lembrar o
burburinho de vinte anos aqui vividos.
Ao chegarmos no prédio 7, as lembranças me
assaltaram.
Os degraus já gastos.
O tempo passando em todos os seus pormenores.
As folhagens imensas, as árvores grandes já dando belas
sombas.
Flores e mais flores enfeitando os nossos caminhos.
Os cabelos brancos surgindo.
E... a maturidade sendo realidade.
Foi aqui, exatamente que tudo começou.
Sou da primeira turma deste prédio.
Sou da primeira turma de formandos do Curso Superior
de Turismo.
Metade da minha vida, literalmente, foi aqui vivida.
Particpei do coquetel de inauguração da sala de
turismo, da equipe que foi a São Paulo para o 1º
Congresso Nacional, secretariei o 2º CONTUR, que, por
iniciativa do nosso grupo, foi realizado aqui na
PUCRS.
Relembro com emoção o prazer em conhecer
pessoalmente o prof. Luis Fernando Fuster e a
felicidade de reencontrá-lo em Madrid quando, anos
após, lá estive estudando como bolsista, na Escuela
Oficial de Turismo.
Como esquecer aquela sexta-feira, 13 de agosto?
Data da nossa formatura.
Os colegas de então?
Muitos deles atuando no setor.
O convívio alegre e descontraído. A tranquilidade de
possuirmos o mesmo álbum de fotografias. Fotos
para as quais o Schardong nos ensinou o melhor
enquadramento.
Que saudades!
As sopas tomadas em noites frias, após as aulas; os
jantares de confraternização.
Daqui saímos para pequenas e longas viagens.
Aqui fizemos pequenos e grandes trabalhos. Colocamos
muito amor e criamos vínculos bem fortes.
O pós-graduação e o convite para lecionar.
Jamais esquecerei o orgulho do meu pai. Meu grande
mestre. A todos contava que sua filha era professora de
turismo na PUCRS.
Quantas vezes minha mãe me ajudou a aprofundar
meus conhecimentos. Enquanto eu lia um livro, ela lia
outro e nos intervalos do almoço me contava as
historias de Carlos V, Felipe II. Falava da chegada dos
espanhóis, da expulsão dos holandeses...
Os trabalhos em grupo. Muita criatividade, energia. A
sede de inovação, muito ímpeto e ... muita insegurança.
O início profissional.
A equipe que trabalhou na Secretaria de Turismo.*

*Fizemos e acontecemos por todos os rincões desse
Estado.
Vimos a bela restauração do teatro São Pedro, o triste
destino de Leopoldina. E... a **Casa de Cultura Mário
Quintana**.
Muita calabresa no "Copa". Feijão mexido no Tio Flor e
as penhas crioulas no 35, ainda ali, na Cidade Baixa.
A época dos Campings, a construção dos Hotéis 5
estrelas, a subida para a serra gaúcha.
Levamos o Café Colonial por este Brasil a fora.
Vibramos a cada **Califórnia da Canção Nativa** e
acompanhamos tantas outras expressões musicais.
Vimos a geada vestir de noiva os galhos da
pitangueira.
Perdemos Lupicínio Rodrigues, e o nosso maior poeta
ainda caminhando pelas ruas da cidade.
Foi numa noite de ventos que Erico Veríssimo nos
deixou.
Colocamos no peito os adesivos "gaúchos" e
participamos de Congressos mostrando as belezas de
"nossa terra" e o nosso potencial turístico.
Estudamos, aprendemos, transmitimos.
A batalha pelo reconhecimento da profissão.
A lástima pelo fechamento da Secretaria de Turismo.
A participação pela reforma curricular.
A mão dada na hora certa. E... a emoção de
paraninfar tantas turmas.
Na roda gigante, do parque da Redenção, vimos
surgir o Brique. Nosso mercado das pulgas.
Deslizamos pelo Guaíba pelo Cisne Branco, hoje
revestido de plumagem nova.
Bailamos no Mano a Mano e comemos salada de
fruta com sorvete no Mercado Público.
Acompanhamos tantas Feiras do Livro
e... declamamos nossa "mui leal e valorosa cidade" nos
concursos, homenageando esta **Porto Alegre**.
A cada pôr do sol, ao pé da chaminé do Gasômetro,
renasce a alegria de reviver nossa cultura. Um novo
espaço se abriu na velha usina.
A valorização das tradições folclóricas de nosso
estado, consideradas como expressões mais vibrantes
destes pagos.
Do minuano que assovia, das geadas de "renguear
CUSCO", aos verões que assolam nossas praias,
atraindo los Ermanos.
A criação do MERCOSUL.
Tantos anos se passaram.
Tantos barcos aqui aportaram.
Tantos sonhos se concretizaram.
Não estamos nem na metade, nem no fim do caminho.
É somente um momento de recordar.
Os desafios surgem a cada dia.
Felizes, completamos 20 anos.*

Com essas lembranças, Diney Adriana de Oliveira, ex-aluna e ex-professora do Curso de Turismo da PUCRS, faz uma descrição, no livro organizado por Hilda Flores (1993), de sua trajetória nesse curso e da sua profissão de turismólogo¹. Escolhemos essas reminiscências, como epígrafe para iniciar este estudo, por ser este o tema do qual vamos tratar – o Curso de Bacharelado em Turismo da PUCRS.

Numa perspectiva aberta para seu tempo, Diney Adriana Oliveira refaz seu percurso e o tempo de suas vivências, revisitando lugares, eventos, emoções, momentos, enfim, espaços e tempos que se encontram presentes no turismo e no Curso de Turismo da PUCRS.

Nas lembranças descritas pela professora, percebemos que é possível desvelar, na memória da educadora, o Curso de Turismo e, para realizar essa viagem, apoiamos-nos em uma colocação de Santos (1986, p. 12), quando assinala que “assim como a ideologia, a memória é um fenômeno sempre atual, onde o passado, mais que reconstituído, é reconstruído, num plano afetivo e mágico, onde os valores ilusórios e místicos de um tempo morto poderiam renascer de uma forma coerente e verossímil através da obra de um escritor”. Percebemos que essas lembranças ajudam a reconstruir o sentido de sua vida e de sua atuação profissional e do Curso de Turismo da PUCRS. Ao mesmo tempo, levantam questões a respeito do turismo no RGS e em Porto Alegre, com os instrumentos e os sentimentos que o presente vivido lhe permitiu perceber.

Essas lembranças representam um *insight* de como foi, para nós, realizar este estudo, pois, através dele, é possível, também, revelar um pouco de nossa vida profissional. Isso nos remete a Ribeiro (1999, p. 191), quando afirma que, “[...] nada é apenas objeto, porque, sempre, de alguma forma, tem a ver intimamente com o sujeito que o está estudando”. Ao elaborar esta tese, também rememoramos, nos construímos, pois, como nos aponta Bastos (2003), produzir a sua vida é também produzir a sua profissão.

Escrever a história é mais do que realizar uma exposição de achados. É o efeito de uma transformação pela qual passamos enquanto sujeitos que nos assumimos e assumimos os riscos pressentidos na escrita. É dialogar, não exatamente com os outros, mas com nosso próprio pensamento. Por esse motivo, escrever é tão deliciosamente perturbador!

Isso dito, passamos a apresentar como fomos compondo a problemática de pesquisa.

¹ Turismólogo é o termo usado para nomear o bacharel em turismo. Esse termo surgiu ainda na década de 1970, na ocasião da formatura da primeira turma. Anteriormente o termo usado era “Planejadores de Turismo”. <http://www.fauf.edu.br/principal/destaques/destaque.asp?wcdnoticia=381>, (25/10/2006).

O turismo apresenta-se como fruto de grandes transformações socioeconômicas, culturais e tecnológicas que se iniciaram no final do século XVIII. No entanto, nos últimos cinquenta anos, vem crescendo significativamente. Enquanto fenômeno social, assume tal complexidade, que a sua influência em diferentes setores da sociedade tem despertado significativo interesse em diversas áreas do conhecimento científico, como objeto de estudo de várias ciências.

Enquanto uma área de conhecimento acadêmico e objeto de conhecimento científico, é um fenômeno relativamente novo. O conhecimento em turismo foi, em grande parte, construído conjuntamente com seu próprio desenvolvimento e prática, ou seja, está em processo de construção. Conforme Solha (2002), no Brasil, apenas alguns períodos referentes ao desenvolvimento do turismo foram estudados de maneira aprofundada, mas, para a maior parte dos acontecimentos ocorridos na área, não existe registro.

A formação educacional em nível superior em turismo, em nosso país, começou no início da década de 1970, motivada pelas múltiplas possibilidades do setor turístico para o desenvolvimento socioeconômico nacional. Em 1990, o turismo despontou como um dos segmentos de maior prosperidade entre as tendências de cursos divulgadas massivamente nos meios de comunicação, o que atraiu a atenção de estudantes, empresários e instituições de ensino.

A Faculdade de Turismo do Morumbi (atual Universidade Anhembi-Morumbi) foi pioneira na área, criando o curso em 1971. Nessa época, surgem outras iniciativas, principalmente nas capitais dos Estados, entre elas o Curso de Turismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), o primeiro curso de Graduação em Turismo do estado, aprovado em novembro de 1971. O Curso Superior de Planejamento de Turismo, como era chamado, foi integrado à Faculdade dos Meios de Comunicação Social/FAMECOS (atual Faculdade de Comunicação Social).

A investigação que tinha como foco inicial trabalhar com a memória do ensino superior em Turismo no Rio Grande do Sul foi reinventada, redefinida, e optamos então, por trabalhar a história do curso superior de Turismo da PUCRS, a partir de suas memórias. Antes de iniciarmos o trabalho, pouco conhecíamos sobre o Curso de Turismo da PUCRS, além das referências elogiosas que, frequentemente, ouvíamos sobre ele e do nosso reconhecimento pessoal. Tínhamos consciência de que o Curso se constituía como uma referência na área do Turismo no estado do Rio Grande do Sul por ter sido pioneiro e que parecia ser capaz de fazer, com competência, a interlocução entre

teoria e prática, sendo que seus egressos eram prestigiados tanto pelo mercado de trabalho quanto pela sociedade.

Ao longo dos anos, o Curso de Turismo, através de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, vem procurando consolidar um projeto pedagógico que contemple a formação de um profissional, agente de mudanças, preocupado com os rumos do Turismo na sociedade.

Entre tantas alternativas possíveis, interessou-nos investigar o processo de constituição da memória. A opção foi investigar as memórias dos sujeitos que vivenciaram o curso, portanto, ao definir esse objeto, procuramos valorizar aquela comunidade acadêmica, analisar as particularidades daquele grupo, entender como produzem hoje o passado vivido.

Desse modo, esta pesquisa nasce da necessidade de compreender a razão, o sentido, a finalidade, enfim, a trajetória do Curso superior de Turismo da PUCRS, bem como as transformações que se processaram no tempo, pois permite compreender as causas, os significados e a direção das transformações. Partindo-se do princípio de que cada vez mais a trajetória dos “mais diversos processos” devem ser pesquisados e valorizados, o presente estudo se propõe a analisar a dinâmica de criação e consolidação do Curso de Turismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), de 1972 – 2010.

Especificamente, propomos identificar as múltiplas razões que atuaram na sua origem – identificar os objetivos de sua criação; entender em que contexto (histórico, econômico, social, político) surgiu o curso; descrever os pressupostos que deram corpo ao curso; compreender as mudanças pelas quais vêm passando, a partir da memória dos sujeitos envolvidos nesse processo, ou seja, a partir do discurso dos coordenadores, docentes, ex- docentes, ex- alunos e algumas pessoas relacionadas à atividade turística na época da criação do curso de Turismo da PUCRS.

A delimitação deste estudo compreendeu o período de 1972 a 2010. O curso teve um longo percurso desde a idealização, em 1971, concretização e início em 1972. O limite final fixado em 2010 se definiu a partir das entrevistas realizadas, em que os narradores discorrem sobre a atualidade do curso. Em 2009, houve mudanças no curso – que passa a ser lotado na Faculdade de Administração, Ciência Contábeis e Economia - FACE. Em 2010, ele é extinto, e a PUCRS passa a oferecer o Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo.

São diversos os motivos que nos levaram a privilegiar a compreensão da Educação em Turismo no movimento histórico. A ligação estreita que mantemos com a

pesquisa, longe de constituir obstáculo, pode se tornar um instrumento que impulsiona a compreensão, afinal, o olhar que olha os outros sente a necessidade de voltar-se para si mesmo.

Desejar compreender a trajetória do curso é o ato inaugural que nos impele a verificar que o desejo que encontrou nos outros a oportunidade de manifestar-se em obras, é o móvel do esforço que nos leva a passar horas consultando arquivos, a permanecer debruçados sobre uma mesa copiando informações, a demandar dias e dias em entrevistas e, posteriormente, transcrições infundáveis, criando e recriando ideias.

O que conduziu a escolha por este tema e objeto de investigação também está relacionado às afinidades e às identificações que temos com o ensino superior em Turismo, pois, desde 2000, na qualidade de docente da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e envolvidos na elaboração do projeto de criação do Curso de Bacharelado em Turismo naquela Instituição, sempre tivemos como preocupação entender o processo de desenvolvimento dessa atividade, como se vêm se desenvolvendo as pesquisas científicas nessa área, isto é, quando e por que o turismo passou a ser preocupação acadêmica e o significado dos cursos superiores de turismo nesse contexto.

O curso de doutorado foi uma consequência do processo de amadurecimento intelectual. Dois temas nos fascinavam: a Educação e o Turismo. De certa forma, eles se fundem e se complementam no nosso cotidiano universitário, porém entendíamos que não poderíamos perder de vista o aspecto histórico da formação em Turismo. Como não havia cursos de Doutorado em Turismo no Brasil e entendendo que todo o aporte teórico-metodológico estaria alicerçado na história, a procura pelo doutorado em História pareceu o mais adequado e possibilitou novos questionamentos que despertaram outras percepções acerca do conhecimento nesta área. Determinadas temáticas e conceitos que antes não faziam muito sentido deixaram de ser tão nebulosos e assumiram outras dimensões. Os estudos da História Cultural, de Memória e de História Oral, as leituras de diferentes pensadores, ainda que suscitem muitas indagações, permitem outros olhares e possibilitam estabelecer novos entendimentos acerca da ciência, da verdade, do sujeito, da História e do Turismo.

Um estudo de tal natureza justifica-se pela escassa produção de pesquisas na área, em razão, por um lado, da carência de enfoques interdisciplinares que busquem integrar as perspectivas da história, da educação e do turismo. A pesquisa também permite interrogar-nos sobre os "transbordamentos" do curso de Turismo por outras instâncias, na construção e difusão dos conhecimentos, especificamente na área do turismo. Entendemos que o processo de conhecimento histórico é fundamental à

dinâmica do próprio fenômeno em análise e ao contexto mais amplo em que está inserido.

Consideramos importante o significado dos estudos históricos no âmbito do turismo, principalmente quando se tem em conta a necessidade de repensar o ensino superior nessa área de conhecimento, objetivando depurar criticamente determinadas práticas sociais. Naturalmente, essa preocupação distancia-se de uma historicidade “tradicional”. A obtenção de uma leitura histórica do Curso de Turismo da PUCRS, enquanto expressão cultural de ideias, pensamentos e instituições, implica a reinterpretação das fontes do passado sob o viés da interdisciplinaridade e da reordenação metodológica.

Flores (2005, p. 01), na introdução do seu artigo sobre “As fundações historiográficas da turismologia²”, deixa claro que:

O conhecimento científico que se produz no tempo presente não pode prescindir do legado cultural que possibilitou as estruturas das revoluções embrionárias da modernidade. Um conhecimento novo herda, pelo menos, as dúvidas e as respostas insatisfatórias daquele que foi capaz de superar. Essa idéia de superação não pode deixar de considerar os próprios mitos que a modernidade criou para explicar fenômenos laicos, profanos e mundanos, sem apelo a quaisquer divindades: a neutralidade axiológica das ciências, a isenção dos pesquisadores em relação aos fatos e a governabilidade em torno dos interesses coletivos. Penso que se deve partir da hipótese de que aquilo que deveria ser (no campo da ciência, da história e da política) pode se processar na dialética das necessidades e dos antagonismos sociais. Por conhecimento novo entende-se a turismologia, vista como a ciência social das viagens que, para fazer avançar a prática turística, necessita de aportes teóricos de outras ciências. [...].

O autor propõe um diálogo com a historiografia, o que tornaria possíveis novas pesquisas sobre o legado patrimonial e as heranças históricas.

A pesquisa histórica, que se renova a partir de contextos historiográficos específicos, torna-se pertinente à turismologia quando consegue elucidar os saberes históricos produzidos por homens e mulheres no tempo. Com efeito, os saberes e práticas históricas podem ser difusos e um tanto caóticos para os profissionais e cientistas do turismo. Por isso mesmo, a apropriação de um pensamento histórico calcado na experiência da prática social requer procedimentos teóricos e metodológicos coerentes com o que se pode chamar

² É a ciência centralizada no estudo do turismo. Ela se preocupa em conhecer e estudar o turismo em sua totalidade. Relaciona-se com as ciências sociais e as ciências econômicas, e surgiu para que os componentes do turismo não fossem estudados isoladamente. O termo "turismologia" apareceu nos anos 60, mas foi Zivadin Jovicic, o cientista considerado "pai da turismologia", que o popularizou, quando fundou a revista do mesmo nome em 1972. Turismologia foi, para Jovicic e outros cientistas, o termo perfeito para o nome da ciência do turismo, porque é simples e acertado, desde o ponto de vista da linguagem. Em entrevista a revista Partes, a turismóloga Margarita Barretto define a turismologia como: “o estudo do fenômeno turístico enquanto fato social (no sentido dado a esta expressão por Durkheim no século XIX). O turismo é o fenômeno em si. São duas coisas diferentes: o fenômeno e o estudo do fenômeno. Isto trasladado para a vida acadêmica significa que os cursos deveriam diferenciar claramente o que é a formação para trabalhar no mercado turístico (constitutivo do fenômeno social) e a formação para estudar este fenômeno”. (BARRETTO, 2007, s/n).

de patrimônio historiográfico (historiografias clássica e contemporânea) (FLORES, 2005, p. 03).

Para a pesquisa, buscamos aporte no campo histórico, pois este tem uma trajetória sistemática e cumulativa nos estudos sobre memória e história oral. Luna (1993, p. 112) afirma que o principal objetivo das revisões históricas é “a recuperação da evolução de um conceito, área, tema, etc. e a inserção dessa evolução dentro de um quadro de referências que explique os fatores determinantes e as implicações das mudanças”.

O tema e o objeto desta investigação estão intimamente ligados aos estudos da história da educação e da memória. Os trabalhos com memórias e, especialmente, com narrativas de pessoas, por meio da metodologia da história oral, oferecem uma dimensão singular para nos relacionarmos com o tempo vivido. Os encontros com os narradores, quando buscamos capturar seus instantes de memórias, em muitos casos constituíram momentos de fecundidade das relações humanas e profissional. As entrevistas foram momentos preciosos, especiais para nós. A emoção e o sentido de humanidade promovidos pela história oral (PRINS, 1992) foram muito importantes, pois encontramos, nessa metodologia de pesquisa, novas formas de compreensão do passado, formas com as quais se identificou.

Sendo o Curso de Turismo um espaço dinâmico nas memórias evocadas pelos narradores, os questionamentos a que nos propomos responder com esta tese, a partir das narrativas de memórias, são os seguintes: 1. Em que contexto se deu o início do Curso de Turismo da PUCRS e qual o seu significado? 2. Qual a trajetória desse Curso, sua gênese, consolidação e desenvolvimento? 3. Como o Curso se insere no contexto nacional na atualidade?

As respostas a essas questões suscitaram a hipótese de que o Curso de Turismo da PUCRS foi criado em um contexto em que, no âmbito nacional, o CFE, a EMBRATUR, e, no regional, a SETUR, a SUDESUL e o *trade* turístico³, permitiram, possibilitaram e incentivaram sua criação, fazendo com que a Universidade abraçasse essa causa e aceitasse tal desafio inovador. Sendo um espaço acadêmico, o curso foi

³ É o conjunto de equipamentos da super-estrutura constituintes do produto turístico. Caracterizados com meios de hospedagem, bares e restaurantes, Centros de Convenções e Feiras de Negócios, agências de viagens e turismo, empresas de transporte, lojas de *suvenirs* e todas as atividades comerciais periféricas ligadas direta ou indiretamente à atividade turística.

criado, se consolidou, transformou-se, tornou-se referência no ensino em Turismo, sofreu as mudanças que o afetaram durante sua trajetória de quase quatro décadas. Emergiu como um curso que contribuiu para a qualificação da atividade turística e a pesquisa em Turismo no seu Estado e no País, por isso sua história se articula, necessariamente, à história da educação superior em Turismo no Brasil.

Durante a pesquisa, algumas afinidades foram se construindo ao longo dos anos de imersão no estudo, e, talvez, uma das mais importantes tenha sido o encantamento de quem pesquisa por uma iniciativa educacional. Histórias de professores, ex-professores, ex-alunos encantam pelos vínculos que percebemos entre as suas e a nossa trajetória como professora. Na etapa inicial da pesquisa, vivenciamos um turbilhão de sentimentos com os quais nos identificávamos, tantas histórias de vida, histórias profissionais, tantas coisas a apreender, a entender, tantos os significados, que nos sentimos um pouco “ansiosas, perdidas no início, mas diante de um grande desafio” e com o constante sentimento de que “isso não pode se perder, tem que ficar registrado”. O que, no início, nos parecia algo simples, tornou-se complexo.

Embora tenhamos a nítida impressão de que o mundo passa por transformações aceleradas, é curioso perceber, nas lembranças dos narradores, semelhanças com o cotidiano do curso de hoje, do qual somos docente. Esse fato nos impressionou. Tempos e lugares diferentes, realidades próximas da nossa. Parece que estamos vendo um filme, em que passa a nossa realidade profissional, o nosso cotidiano, a história do curso em que trabalhamos (UFPEl). Além disso, as narrativas proporcionaram uma reflexão bastante fecunda acerca das implicações presentes nos objetos de nossas pesquisas. Ou seja, nossas escolhas epistemológicas e empíricas identificam-se com os lugares de sujeito que ocupamos e com nossas referências culturais. Ao escutar as narrativas, muitas vezes percebemos, de certo modo, retratada a nossa história, traduzida nas lembranças dos entrevistados.

Conforme a pesquisa avançava, a tarefa de pensar as questões relativas à implicação de pesquisar um universo empírico tão caro à nossa vida profissional se constituía como um risco, e um desafio em descrever a trajetória de um Curso de Turismo, no qual nossos colegas e, muitas vezes, nossos ex-professores (na especialização⁴ e no Mestrado⁵), eram os sujeitos da pesquisa, realidade essa tão distante e, ao mesmo tempo tão próxima de nós.

⁴ Especialização em Gestão e Produção do Turismo. PUCRS, 1999.

⁵ Mestrado em Turismo. UCS, 2004.

Então, quando nos aproximamos das pessoas que vivenciaram o cotidiano do curso, duas situações aparentemente contraditórias se apresentaram. Por um lado, a identificação com as histórias dos narradores e, por outro, um sentimento de “viajante - estrangeira”, alguém que vinha de um outro espaço e que desejava estabelecer vínculos para conhecer e pensar o curso, para observar, com algum distanciamento, as narrativas que buscava compreender.

O pesquisador precisa se esforçar para desvencilhar-se daquilo que lhe parecia seguro, da verdade cartesiana, e perceber que vivemos uma época marcada pela subjetividade e pela relatividade dos saberes, pela ausência de certezas, pela fragmentação dos sujeitos, pela heterogeneidade, entre tantos outros conceitos, buscando novos paradigmas que se aproximem de referências mais plurais, menos assentadas em certezas imutáveis, mas pautadas pela perspectiva da descontinuidade.

Como assinala Chartier (2001, p. 116):

[...] o tempo das dúvidas e dos questionamentos é também um tempo de dispersão: todas as tradições historiográficas perderam sua unidade, todas se fragmentaram entre perspectivas diversas, às vezes contraditórias, que multiplicaram os objetos de investigação, os métodos, as ‘histórias’.

Chartier (2002, p.61) aponta para um “abandono dos paradigmas dominantes”, fala em “tempo de incerteza, crise epistemológica, reviravolta crítica” (Ibid., p. 81), buscando definir as novas tendências do conhecimento científico.

Desse modo, longe dos paradigmas do século XIX, amplamente discutidos pela historiografia, para os quais o sujeito pesquisador procurava uma verdade supostamente contida nos documentos, pensando em uma interpretação supostamente correta do que realmente aconteceu, compreendemos que fazer história é, sobretudo, recriação crítica do passado. Como nos aponta Benjamin (1994, p. 224), “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência”.

Não existe uma história, mas histórias. Afinal, “quem conta um conto aumenta um ponto” diz o dito popular, ou, como sugere Fischer (1999, p. 26), “o que existem são criações históricas”. Assim, é preciso considerar os limites teórico-metodológicos de qualquer investigação, pesquisador e relações objeto/campos do conhecimento, donde decorre o acabamento sempre provisório de uma investigação.

Para Sarmiento (2003, p.151), “todo o trabalho investigativo é uma construção com implicação do investigador”. Esta história acerca das memórias de quem vivenciou o curso constitui, em sua formulação, uma das narrativas possíveis, entre outras, de um campo de possibilidades. Procuramos, ao longo da investigação, construir um olhar

sobre o tempo que se passou, definir uma maneira de perceber aquela realidade e de explicar o passado vivido no curso.

Percebemos a subjetividade que envolve a pesquisa científica, e isso se afasta da objetividade e do imediatismo de esperar encontrar “a resposta certa” no passado. Parece-nos fundamental aceitar a incompletude, a falta de inteireza do conhecimento (SARMENTO, 2003), aceitar a impossibilidade de alcançá-lo em sua plenitude, entender que uma investigação não é uma mera transposição da realidade acontecida, mas que sobre ela foram feitos recortes, exclusões, seleções.

A elaboração de uma tese sobre a história do Curso de Turismo da PUCRS, a partir das múltiplas memórias, apoia-se no pressuposto de que um estudo sobre a memória social implica um empreendimento de pesquisa que se baseia numa perspectiva interdisciplinar, já que somente assim captam-se dimensões importantes que configuram sua complexidade, no decorrer do tempo e do espaço. Desse modo, trabalha-se com pressupostos teóricos das áreas da história, da educação e do turismo, uma vez que a investigação que envolve temática a ser analisada numa perspectiva interdisciplinar, é, sem dúvida, uma possibilidade de compreensão mais ampla.

Celeste Filho (2002, p.03) ressalta que, na década de 1970, “praticamente não existiam estudos históricos no que concerne ao turismo no Brasil, muito menos na área de história da educação”. Contudo, a partir da expansão ocorrida nos últimos anos no campo da história e do renovado prestígio dos estudos históricos em geral, parece haver um crescente interesse do turismo pelos aspectos históricos da formação. Recentemente, muitos autores vêm discutindo a educação superior em turismo no Brasil, como: Ansarah (2002), Teixeira (2001), Trigo (2000), Rejowski (1996, 2002), Dencker (2002), Celeste Filho (2002), Santos Filho (2003), Barretto, Tamanini e Silva (2004), Oliveira (2004), Matias (2002, 2005), Rodrigues (2005), Rodrigues (2006), Trigo et al (2005), Catramby e Costa (2005), Mota (2007) Teixeira (2007). E, no exterior: Jafari (1981), Westlake (1992), Cooper e Sheperd (1994) e Leiper (2000).

Alguns pesquisadores começam a analisar o ensino superior em Turismo, a partir de uma perspectiva histórica. Celeste Filho (2002) trata, em sua dissertação, entre outras questões, da criação do curso de Turismo na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP; Rodrigues (2005) conta o desafio de implantar a Faculdade de Turismo do Morumbi no início dos anos 1970; Fonseca (2005) realiza um estudo sobre as Políticas para o ensino superior em Turismo: um estudo sobre um curso de graduação em Belo Horizonte; Mota (2007) em seu trabalho “Formação Superior em Turismo da UNIFOR (CE): proposta, realidade e reflexos”, discute a

trajetória do Curso de Turismo da Universidade de Fortaleza; e Teixeira (2007) analisa, em sua dissertação, os condicionantes sociais de implantação do Curso de Turismo no Brasil, por meio de uma abordagem histórica. Analisa a criação dos cursos de Turismo em três instituições, Faculdade do Morumbi, Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas e a ECA/USP, consideradas, pelo autor, as precursoras do Curso de Turismo no Brasil.

Consideramos a teoria enquanto mediação que nos introduza na rede de significados construídos pelo sujeito que estudamos, sem eliminar a ambiguidade, mas modificando-a qualitativamente. Em outras palavras, servimo-nos de um determinado referencial, não para confinar nele os sujeitos estudados, mas para fazê-los expandirem-se dentro da sua própria ótica.

Desse modo, nosso trabalho destaca preocupações com os processos de criação e de desenvolvimento do Curso de Turismo da PUCRS; com a memória dos docentes, coordenadores e alunos, configurando-se como história da educação e história institucional, uma vez que irá ser balizado por vários preceitos destas áreas do conhecimento. A pesquisa busca inserir-se no campo temático da historiografia – história da educação, ancorado na História Cultural.

Inúmeros outros teóricos contribuíram com significativas parcelas e subsídios ao entendimento do objeto de estudo, verdadeiras chaves de leitura a abrir portas a uma contínua reflexão sobre a história do Turismo no mundo e no Brasil, o ensino superior em Turismo na constituição da memória do curso. Nesse sentido, ampliamos e articulamos outros referenciais teórico-metodológicos que tivessem como ponto de estudo a temática do turismo, da memória coletiva, dos atos sociais de lembrar e esquecer e do uso da metodologia da história oral.

A produção de uma tese, a partir de relatos orais de memórias do Curso de Turismo da PUCRS, aponta um movimento de múltiplas direções e significados. Poderíamos considerar, num primeiro plano, como registros individuais de uma história vivida coletivamente. Por outro lado, como é próprio a todos os relatos individuais, eles também são sociais, na medida em que se constituem nas redes de sociabilidade em que se encontram inseridos. Dessa forma, compreendemos que pensar o individual e o social como indissociáveis possibilita uma riqueza de aspectos para analisar as construções e os movimentos da memória. Sobretudo, porque através de um simples relato de memórias descortina-se, muitas vezes, um amplo espectro de visões e práticas sociais.

Nesse sentido, a memória do curso não pode ser entendida segundo um modelo linear. Não basta, portanto, colhê-la e reproduzi-la em extensas citações para que

efetivamente tenhamos elaborado um conhecimento em História da Educação em Turismo. Impõe-se trazê-la, rica e estranha, composta de reminiscências e esquecimentos, para compor “fragmentos de pensamento”, narrativa do tempo passado e presente. O que os sujeitos das memórias do curso pensam de suas vivências presentes, o que fazem, como veem a si mesmos e o mundo, pois é disso que extraem suas memórias.

É importante salientar que, sendo um estudo de história da educação, a pesquisa não pretende apreender diretamente a vida cotidiana do curso, mas, sim, trabalhar com as memórias das vivências do curso, sendo elas plurais, fragmentárias e imprevisíveis.

Aceitando-se como pressuposto de que a sobrevivência da memória coletiva deriva parcialmente de um inventário das condições e das forças que operaram em uma determinada época, o propósito deste estudo é analisar elementos que contribuíram para a concretização do que hoje se constitui o Curso de Turismo da PUCRS. Em análise diacrônica, procuramos visualizar os processos evolutivos que contribuíram e vêm contribuindo para revitalizar compromissos institucionais e compreender o presente.

Queremos compreender como, no presente, os sujeitos envolvidos rememoram o tempo vivido no curso para recompor sua trajetória. Assim, na pesquisa há de se compreender a complexidade do trabalho com memórias, sua relatividade e sua subjetividade, tanto quanto sua capacidade de constituir-se como documentação histórica.

Constituir as memórias do curso – os projetos e os discursos dos indivíduos ligados à sua criação e funcionamento – é uma maneira de compreender a sua atuação, tanto no contexto acadêmico como profissional, especialmente no sentido do reconhecimento de seus contornos identitários. Deter o olhar na trajetória do ensino de graduação deste curso nos estimula a refletir sobre nosso fazer político-pedagógico e as perspectivas e desafios a serem enfrentados no atual contexto de educação e turismo.

Esta tese foi dividida em três partes, que mantêm, entre si, grande interlocução. Apresenta, na **PARTE I – ITINERÁRIOS DA PESQUISA** – o capítulo 1, “Construindo o Percurso da Pesquisa” que também está dividido em três partes. Na primeira, destacamos as questões teóricas, pressupostos que guiaram essa viagem, e elaboramos algumas reflexões acerca dos sentidos da história e sobre a memória como construção social. Na segunda, “Roteiro Investigativo da Pesquisa”, procuramos mostrar como este processo de pesquisa foi construído, os caminhos trilhados e as questões metodológicas empregadas na investigação. E, na terceira, “Os Guias da Pesquisa”, quando apresentamos os narradores.

A **PARTE II – O TURISMO E OS CURSOS DE TURISMO** – teve como objetivo trazer o cenário da pesquisa, propondo um painel sobre o contexto sócio-histórico que possibilitou a constituição da memória do curso. Está dividida em 2 capítulos. No capítulo 2, descrevemos os aspectos históricos que acompanharam o desenvolvimento do Curso de Turismo da PUCRS, a partir da discussão acerca da história do turismo no Brasil e no Rio Grande do Sul. No capítulo 3, elaboramos uma contextualização da educação superior em turismo no mundo, enfatizando o caso brasileiro, pois o Curso Superior de Turismo da PUCRS, está inserido nesse contexto.

A **PARTE III – PERCURSOS DO CURSO** – é composta pelos capítulos 4, 5 e 6, em que nos propomos constituir a memória do Curso de Turismo da PUCRS. Nosso intuito não é o registro detalhado da história, mas dos principais momentos administrativos, pedagógicos e políticos vividos. Aqueles momentos que estão presentes para os narradores. Nesta etapa, daremos voz aos personagens dessa história procedendo-se à análise propriamente dita das memórias dos sujeitos. Para tanto, contaremos com as entrevistas com os coordenadores, com os professores mais antigos, e, também, com alguns mais novos, os ex-alunos, que ajudaram a contar a história de diversos momentos importantes do Turismo. Os docentes e alunos, inscritos em uma situação social e cultural definida, tendo uma história pessoal e social, articulam, na memória, elementos afetivos e sociais, uma vez que esse é um processo ativo de busca de significados que reestrutura os elementos a serem lembrados. Detivemo-nos nas transformações pelas quais o curso de turismo vem passando, atentando para o fato de que os discursos são construídos historicamente e, a partir daí, como mudam no decorrer do tempo, como são produzidos e circulam, como são usados e se transformam.

No quarto capítulo, apresentamos o início do curso, o primeiro momento (1972 a 1976) que chamamos de *A emergência do Curso*, pois os fatos rememorados naquele período assim o justificam; no quinto capítulo, o segundo momento do curso (de 1976 ao final da década de 1990) que chamamos de *Consolidação do Curso*, porque os acontecimentos narrados assim o requerem; e, no sexto capítulo, um terceiro momento (do final da década de 1990 a 2010) denominado *O Curso na atualidade*, pois, especificamente, na PUCRS é um período em que o curso passa por dificuldades, mudanças, culminado na sua extinção.

Na parte final, retomamos as principais questões investigadas e diretamente implicadas nas experiências que foram rememoradas pelos entrevistados. Voltamo-nos e para o percurso inicial e reconhecemos, apesar de tantos fios já urdidos, que há um

emaranhado ainda a ser tecido. Observamos, por fim, que nenhuma forma escrita utilizada para transcrever a narrativa dos sujeitos da pesquisa poderá dar conta da riqueza da “arte de narrar” desses narradores, na passagem do oral para o escrito. É a partir de limites como esse que iniciamos e finalizamos esta tese.

PARTE I – ITINERÁRIOS DA PESQUISA

Falar de itinerário é falar de partida, de estada e de retorno, mesmo que se deva entender que há várias partidas, que a estada é também viagem e que o retorno não é jamais definitivo (AUGÉ, 1999, p.14).

CAPÍTULO 1 CONSTRUINDO O PERCURSO DA PESQUISA

É com todo esse sentido que nos propomos a descrever, neste capítulo, o itinerário deste estudo. Inicialmente, procuramos examinar pressupostos teóricos para a pesquisa, as questões metodológicas em que descrevemos o caminho percorrido e, finalmente, apresentamos os guias, os narradores, que nos conduziram no caminho.

1.1 Trajetos Teóricos da Pesquisa

A dimensão teórica deste trabalho tem, como pressuposto, pensar historicamente o Curso Superior em Turismo da PUCRS, a partir da memória coletiva, contribuindo, desse modo, para os estudos em turismo. Assim, na condução desta pesquisa, seguimos algumas diretrizes que balizam as discussões.

Dentro da abordagem da história cultural e partindo do uso das fontes orais, teremos um campo de pesquisa denominado história do tempo presente. Nesse campo, o historiador toma os acontecimentos ainda no curso de seu tempo, ou seja, os acontecimentos ainda estão a se desenvolver. Trata-se de uma história não acabada, e o papel do historiador não está em reconstruir uma história cujo final se conhece, mas sim, compreender um processo que ainda se desdobra e do qual é contemporâneo.

Constantino (2004) ressalta que a História atende questões do presente. É do presente que se faz uma pergunta ao passado, iniciando uma investigação que pretende respondê-la. Desse modo, nesta etapa, acreditamos ser oportuno fazer um breve relato do encaminhamento da pesquisa empreendida.

Esta pesquisa se insere no campo da História Cultural, uma vez que nos propomos a abordar o tema da memória do curso. Pesavento (1995) afirma que a História Cultural é uma nova abordagem que não descarta o conhecimento acumulado:

Entendemos a história cultural não como uma “virada de mesa” com relação a pressupostos teórico-metodológicos, mas como uma nova abordagem, ou um novo olhar que se apóia sobre as análises já realizadas, e, por sua vez, avança dentro de um determinado enfoque. Neste sentido, a história cultural realmente vem se somar ao conhecimento acumulado, sem voltar as costas a uma matriz teórica, fruto de uma reflexão cumulativa. (PESAVENTO, 1995, p. 279-80) [Grifo da autora]

Stephanou e Bastos (2005), discorrendo sobre as mudanças que a História vem sofrendo nos últimos anos, destacam suas implicações para a História da Educação, área na qual desenvolvem suas pesquisas. “A história cultural ou o estudo da produção de sentidos sobre o mundo construído pelos homens do passado sinaliza para uma compreensão dos diferentes processos educativos e escolares” (Stephanou e Bastos

(2005, p. 418). As autoras apontam a possibilidade de estabelecimento de íntimas relações entre a História Cultural e a História da Educação, especialmente quando as memórias constituem a documentação privilegiada. Afirmam que a História da Educação é parte integrante da cultura de um povo e, portanto, promove uma compreensão mais fecunda da cultura escolar de determinada época, de determinada instituição.

Assim, as questões no campo da produção historiográfica têm implicações para a pesquisa educacional de caráter histórico. “Isto porque a pesquisa em História da Educação não é uma ciência à parte, não possui um campo analítico exclusivo e sua riqueza teórica e metodológica está justamente no fato de tratar-se de um espaço fronteiro, de pesquisas que se situam na intersecção entre a História e a Educação”. (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p.422)

A história das instituições educacionais integra uma tendência recente da historiografia, que confere relevância epistemológica e temática ao exame das singularidades sociais em detrimento das precipitadas análises de conjunto, que, sobretudo na área educacional, faziam-se presentes.

A abordagem dos processos de formação e de evolução das instituições educativas constitui um domínio do conhecimento historiográfico em renovação no quadro da História da Educação. Uma renovação em que novas formas de questionar-se cruzam com um alargamento das problemáticas e com uma sensibilidade acrescida à diversidade dos contextos e à especificidade dos modelos e práticas educativas. Uma abordagem que permita a construção de um processo histórico que confira uma identidade às instituições educativas. (MAGALHÃES, 1996, p.1)

Magalhães (1996) também afirma que:

Compreender e explicar a existência histórica de uma instituição educativa é, sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, contextualizá-la, implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região, é por fim sistematizar e reescrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico. (MAGALHÃES, 1996, p.1)

Para Gatti (2001), nas análises que dão conta do presente ou do passado, as escolas são locais que portam um arsenal de fontes e de informações de extrema importância para a formulação de interpretações sobre elas próprias e, sobretudo, sobre a história da educação brasileira.

A história das instituições educacionais almeja dar conta dos vários atores envolvidos no processo educativo, investigando aquilo que se passa no interior das escolas, gerando um conhecimento mais aprofundado desses espaços sociais destinados aos processos de ensino e de aprendizagem, por meio da busca da apreensão daqueles

elementos que conferem identidade à instituição educacional, ou seja, daquilo que lhe confere um sentido único no cenário social do qual fez ou ainda faz parte, mesmo que ela se tenha transformado no decorrer dos tempos (GATTI, 2001, p. 4).

Julgamos importante refletir sobre as relações entre História e memória, a fim de tecer algumas considerações que possibilitarão dar conta da tese elaborada.

Halbwachs elaborou os primeiros estudos sobre memórias sociais (coletivas), na primeira metade do século XX. Foi pioneiro nas análises das diferenças entre História e memória, dando ênfase ao caráter social da memória. É com base em seus estudos, na perspectiva da memória coletiva, que nos propomos analisar a constituição da memória do Curso de Turismo da PUCRS.

Para Halbwachs (2004), memória e história não são a mesma coisa, pois a memória está ligada às lembranças das vivências e só existe quando os laços afetivos criam sentido de pertencimento ao grupo, o que mantém a vida e o vivido no campo das lembranças comuns, geradora de uma memória social.

Stephanou e Bastos (2005), descrevendo sobre memória e história, reforçam que à exceção do passado como elemento comum, memória e história operam diferentemente, embora estejam imbricadas e mantenham íntimas relações. A seguir definem o que é História e o que é Memória.

Por História estamos considerando um campo de produção de conhecimentos, que se nutre de teorias explicativas e de fontes, pistas, indícios, vestígios que auxiliam a compreender as ações humanas no tempo e no espaço [...] . A Memória, não sendo a História, é um dos indícios, documento, de que se serve o historiador para produzir leituras do passado, do vivido, do sentido, do experimentado pelos indivíduos e daquilo que lembram e esquecem, a um só tempo. (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 417)

Nessa concepção de história, a memória é tomada como um documento privilegiado.

A memória é uma espécie de caleidoscópio composto por vivências, espaços e lugares, tempos, pessoas, sentimentos, percepções/sensações objetos, sons e silêncios, aromas e sabores, texturas, formas. Movemos tudo isso incessantemente e a cada movimento do caleidoscópio a imagem é diversa, não se repete, há infinitas combinações, assim como, a cada presente, ressignificamos nossa vida. Esse ressignificar consiste em nosso atos de lembrar e esquecer, pois é isso a Memória, os atos de lembrar e esquecer a partir das evocações do presente. (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 420)

A História difere da Memória como campo de produção de conhecimento. A memória pode ser histórica, mas não é história por si só. Assim, fica clara a diferença entre história e memória, uma vez que a memória é um vestígio, um documento.

Vestígios de memórias que são produzidos diferentemente, como são diversas as experiências vividas e as interpelações discursivas individuais e coletivas.

A memória, tecida de lembranças e esquecimentos, diferente da História, não tem compromisso com o trabalho de crítica, de problematização, de interrogação sobre os processos de "transformação marinha" que sucedem no tempo e se expressam em produções discursivas inscritas nos regimes de verdade do presente. (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 420).

Para Halbwachs (1990), a memória é sinônimo de “lembrança viva”, ou seja, uma memória está presente na vida das pessoas e grupos, o que seria inútil transformá-la em registro escrito. Dessa forma, quando a memória é transformada em escritura é porque ela já operou a passagem histórica. Assim, o movimento da história tem início quando a lembrança viva desaparece, quando não se encontram mais pessoas ou grupos para recordá-las, para atualizá-las. Ainda na visão de Halbwachs (1990), a história representaria o esforço de salvar as lembranças vivas, ao transformá-las em narrativa.

Ao mesmo tempo, há de considerar-se que a memória e a história, embora para Halbwachs (1990) e Nora (1993) sejam vistas como termos antinômicos, encontram-se para ambos imbricadas, pois é a própria forma de considerá-las que possibilita definir as intersecções. E, nesse sentido, Nora (1993) não se furta em afirmar que “[...] tudo o que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história. Tudo o que é chamado de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade de história”. (NORA, 1993, p. 14)

Trabalhos sobre memória têm feito referência a autores considerados fundadores, como Bergson, Freud, Proust, Halbwachs, dentre outros de diversas áreas do conhecimento. Dentre essas áreas, a história tem procurado, em suas pesquisas, definir alguns contornos conceituais do que seja memória, que tem proporcionado um debate sobre o assunto, configurando variadas tendências e perspectivas.

Durante esse processo de pesquisa, muitos autores e obras dialogavam junto às questões da memória e da metodologia da história oral, porém a noção de memória coletiva e/ou social a partir da obra póstuma de Maurice Halbwachs [1877-1945], *Memória Coletiva* [1950], veio embasar a pesquisa, tornando-se referencial às principais análises dos depoimentos orais. O objetivo central de sua obra é mostrar a impossibilidade de se evocar lembranças individuais e coletivas sem ancorá-las nos *quadros sociais* que funcionam como pontos de referência na tarefa de reconstrução das memórias. De acordo com os estudos de Santos (1993, p.76):

Fiel ao conceito de representação coletiva durkheimiano, Halbwachs não pensa quadros sociais como um somatório de representações individuais.

Apesar da concretude ou objetividade atribuída muitas vezes aos quadros sociais da memória, interessa-me enfatizar a percepção de Halbwachs de que a memória não é e não pode ser considerada o ponto de partida, porque ela nunca parte do vazio; a memória é adquirida à medida que o indivíduo toma como suas as lembranças do grupo com o qual se relaciona: há um processo de apropriação de representações coletivas por parte do indivíduo em interação com outros indivíduos.

Desse modo, mesmo que a recomposição de reminiscências tenha um caráter eminentemente individual, toda memória é reconstruída e atualizada na interação social de uma dada coletividade. Ancorando-se aos espaços de sociabilidade, instituições de que faz parte (família, religião, escola, etc.), o sujeito estrutura suas evocações recompondo tempos e lugares onde suas experiências se materializaram para, então, rememorar-las. É na convivência cotidiana, nas interações com o meio que habita que o sujeito reatualiza incessantemente os quadros sociais, dotando-os de significados coletivos. Neste sentido, diz Halbwachs (1990, p. 54):

Consideremos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem freqüentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta aos pontos de referência que existem fora dele e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio.

Segundo Halbwachs (1990), mais que individual, a memória é relacional. No lugar do fluxo contínuo e perceptível dos atos de lembrar, os seus estudos possibilitaram introduzir o conceito de espaço e tempo social, sendo ambos considerados como sistemas de relações inseparáveis à construção dos quadros sociais de memória.

Bosi (1994), desenvolvendo o conceito de instituições sociais dado por Maurice Halbwachs, diz que a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. Essas instituições sociais funcionam como espaços de sociabilidade, onde os sujeitos ancoram suas evocações para rememorar, porque, de acordo com a autora, “se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos faz lembrar” (Ibid.,p.54). Assim, é procedente pensar que o lugar que o sujeito ocupa quando está narrando suas memórias define a maneira como este narrador recompõe suas reminiscências.

De acordo com Halbwachs (1990), a memória é um conjunto de lembranças construídas socialmente e referenciadas a um conjunto que transcende o indivíduo, “a memória coletiva é também uma corrente de pensamento contínuo, que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência de um

grupo” (Ibid., p. 82). O autor nos faz compreender profundamente que não é o indivíduo em si sem nenhuma identidade social que se recorda; mas que ninguém pode lembrar-se efetivamente, senão da sociedade, pela presença ou evocação e, portanto, pela assistência dos outros ou de suas obras.

Halbwachs (2004, p.29) relata que:

Quando uma pessoa diz: ‘eu não creio em meus olhos’, ela sente que há nela dois seres: um, o ser sensível, é como uma testemunha que vem depor sobre aquilo que viu, diante do ‘eu’ que não viu atualmente, mas que talvez tenha visto no passado e, talvez tenha feito uma opinião apoiando-se nos depoimentos dos outros.

Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais. Tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos. É porque concordam no essencial, apesar de algumas divergências, que podemos reconstruir um conjunto de lembranças de modo a reconhecê-lo.

Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias. Nossas lembranças nos são lembranças pelos outros, mesmo que trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos e com objetos que só nós vimos. Não é necessário que os outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós, porque temos sempre conosco, e em nós, uma quantidade de pessoas que não se confundem. Por isso, nossas lembranças são sempre coletivas.

Quanto à possibilidade de uma memória estritamente individual, Halbwachs (2004, p. 41) diz que “pode-se falar em memória coletiva quando evocamos um acontecimento que teve lugar na vida de nosso grupo e que considerávamos e que consideramos ainda agora, no momento que nos lembramos, do ponto de vista desse grupo”. O autor prossegue ressaltando que, muitas vezes, atribuímos a nós mesmos nossas lembranças, como se elas não tivessem sua origem em parte alguma senão em nós, ideias e reflexões, ou sentimento e paixões, que nos foram inspiradas por nosso grupo. Estamos, então, tão afinados com aqueles que nos cercam, que vibramos em unísono e não sabemos mais onde está o ponto de partida das vibrações, em nós ou nos outros. De uma forma ou de outra, cada grupo social empenha-se em manter uma semelhante persuasão junto a seus membros.

Outro aspecto importante, abordado por Halbwachs (2004), é que se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa

de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ele ocupa e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantemos com os outros meios. A sucessão de lembranças, mesmo daquelas mais pessoais, explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos meios coletivos, isto é, em definitivo, pelas transformações desses meios, cada um tomado pelo seu conjunto.

Diante do exposto, ocupar o lugar de narrador como coordenador, ex-coordenador, professor, ex-professor, ex-aluno, funcionário, ou pessoas vinculadas à atividade turística na década de 1970, possibilita ao sujeito que rememora inserir-se numa instituição social e cultural que lhe confere um sentido de pertencimento. O Curso de Turismo da PUCRS é uma instituição de ensino possível de ser reconstruída pelas memórias, porque é um espaço coletivo compartilhado por outros sujeitos que se reconhecem ocupando o mesmo lugar quando rememoram. Mesmo sendo tempos, lugares e grupos heterogêneos, as lembranças, em cada época, marcam os grupos de pertença.

Conforme Thomson (1997), composição e reminiscência são conceitos importantíssimos para que se compreenda o trabalho da memória social/coletiva.

As histórias que relembramos não são representações exatas do nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim, podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido. Reminiscências são passados importantes que compomos para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes. (Ibid., p.57).

É importante considerar que quem narra sua experiência sobre um momento da vida compõe o que é possível e permitido lembrar psicológica, social e culturalmente no presente. A recomposição das reminiscências, neste sentido, é um processo que possibilita ao narrador selecionar e organizar pontos de referência (temporal, espacial, social, cultural, histórico, etc.) quando rememora, reconstruindo suas experiências sobre o curso.

Na medida em que estamos engajados em grupos e que participamos mais estreitamente em sua memória, nossas lembranças se renovam e se completam. Para Halbwachs (2004), não existem imagens completamente prontas em nosso pensamento, mas na sociedade, onde estão todas as indicações necessárias para reconstruir tais partes de nosso passado, as quais nós representamos de modo incompleto. Também aponta que

não há memória sem espaço – espaços de trabalho, de lazer e da infância, entre outros. O autor ratifica que a memória coletiva (visão global) é algo que se relaciona direta e intensamente ao espaço onde seja construída. Essa memória, sustentada por um grupo, dado seu valor de coletividade, é extremamente complexa, e, portanto, mais difícil de ser analisada como um todo, uma vez que é composta por estereótipos do passado e por metáforas. Para sua compreensão, um dos fatores de análise imprescindível a ser utilizado é a linguagem, elemento mais importante que veicula a memória.

A linguagem assume essa importância porque nada é exterior a ela: lembramos das coisas do mundo somente porque a elas atribuímos nomes. Assim, a comunicação apresenta-se como fator indissociável à memória. A narrativa em geral traz uma referência ao passado, mas também ao presente vivido. Ela é marcada pela consciência da realidade vivida pelas pessoas hoje. O seu olhar para frente e para trás está marcado pela experiência atual.

Pollak (1989) avança ao problematizar a memória clandestina, proibida. Essas lembranças traumatizantes sobrevivem durante anos à espera do momento oportuno para serem expressas. Também nos fala sobre o esquecimento e diz:

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discurso oficial. Ao mesmo tempo ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade [...] (Ibid., p.5).

Resumidamente, o autor destaca três tipos de lembranças: as lembranças proibidas, clandestinas; as indizíveis e a memória envergonhada, as quais são zelosamente guardadas em estruturas de comunicação informais e passam despercebidas pela sociedade globalizante. Ainda discute a questão do “não dito”, ou seja, existem nas lembranças zonas de sombra, silêncios e “não ditos”. As fronteiras desses silêncios e “não ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão sempre se deslocando.

Podemos observar que a memória é percebida por alguns autores como uma alternativa encontrada para compreender o passado, a partir de uma abordagem que procura o sentido atribuído aos fatos passados por aqueles que, de uma forma ou de outra, estavam envolvidos com esses mesmos fatos. Através da memória coletiva, o passado é recuperado pelo presente a partir de processos de interação social. A compreensão do passado, desse modo, é composta de uma rede bem mais complexa de significados. São indivíduos em contato com outros indivíduos e em determinados contextos sociais que trazem o passado para o presente. O conceito de memória,

portanto, nos permite entrelaçar passado e presente e ultrapassar a dicotomia teórica entre indivíduo e sociedade.

1.2 Roteiro Investigativo da Pesquisa

São muitos os procedimentos que podem ser seguidos num trabalho focado na constituição da memória. A decisão de entrevistar pessoas que vêm trabalhando no Curso, supostamente desde o seu início, está associada ao fato de acreditarmos que haja um número significativo de informações ainda não documentadas. Deve-se também à importância de se trabalhar com as narrativas, procurando compreender suas interpretações, manifestas nos discursos obtidos nas entrevistas, ou seja, procurando estabelecer a forma como, histórica e socialmente, os sentidos dessas interpretações foram produzidos. Com esse intuito, foram selecionados aportes que, além de permitirem a elaboração de um dispositivo analítico, contribuíram para a própria definição dos procedimentos que antecederam as entrevistas.

Para acessar a memória do Curso de Turismo da PUCRS, optamos pela História Oral enquanto metodologia, para criar novos conhecimentos acerca do passado próximo.

Constantino (2004) deixa claro que a História Oral trata-se de uma metodologia para criar novas fontes à investigação; é metodologia reabilitada em tempos recentes, com características inovadoras. Destaca que o processo de reabilitação da História Oral é convergente com as grandes transformações teórico-metodológicas por que passou a História, no decorrer do século XX, também representando um dos resultados das mesmas transformações. Nesse sentido, a utilização da História Oral, nos últimos anos, pressupõe, sobretudo, uma transformação radical na forma de pensar o objeto da História e no seu método de investigação.

O historiador, colhendo depoimentos, transforma-os em documentos que, como sempre, precisa interpretar. Isso só é possível fazer quando reconhece a necessidade de estabelecer comunicação com outras áreas do conhecimento, daí a importância da interdisciplinaridade. A História Oral possibilita ao historiador captar a experiência do narrador, suas tradições, mitos, narrativas de ficção que se encontram no fundo da memória, assim como as crenças existentes no seu grupo.

Alberti (1989, p.41) ressalta que a história oral não pertence a um campo estrito do conhecimento, sua especificidade está no próprio fato de se prestar a diversas abordagens, de se mover num terreno pluridisciplinar,

[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou

testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc... (Ibid., p.52.).

Alberti (2005, p. 166) destaca vários campos nos quais a História oral pode ser útil e inclui a História de instituições, tanto públicas como privadas; e História da memória. Para a autora, este último campo é, sem dúvida, aquele ao qual a História oral pode trazer contribuições mais interessantes. No início, grande parte das críticas que o método sofreu dizia respeito justamente às “distorções” da memória, ao fato de não se poder confiar no relato do entrevistado, carregado de subjetividade. Hoje, considera-se que a análise dessas “distorções” pode levar à melhor compreensão dos valores coletivos e das próprias ações de um grupo.

Errante (2000) endossa a importância da história oral como metodologia a ser adotada em pesquisas identificadas com a história da educação. Ressalta que “as histórias orais acrescentam uma dimensão não-oficial inestimável” (ERRANTE, 2000, p.146) às investigações educacionais, justamente por viabilizarem as narrativas dos sujeitos envolvidos.

Ao mesmo tempo, o trabalho com a História oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação. A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência - isto é, de identidade. É porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudada por meio de entrevistas de História oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, ou a sociedade como um todo (ALBERTI, 2005, p. 167).

Há inúmeras classificações de História Oral; a mais simples foi formulada por Meihy (1994):

- História Oral de Vida: valoriza o indivíduo, o ato narrador, sua experiência como resultado de vida. Essa experiência é o ponto crucial da narrativa; o que interessa é a experiência vivencial de determinada pessoa. Nesse caso, a interferência do entrevistador durante os depoimentos é mínima.
- História Oral Temática: preocupa-se com o testemunho sobre um assunto específico. Busca-se principalmente a informação do depoente. Organiza-se roteiro, e a interferência do entrevistador é mais clara e objetiva.
- Tradição Oral: é, sobretudo, utilizada por historiadores que produzem História Cultural.

As entrevistas temáticas são as que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido. A escolha é adequada para o caso de temas que têm estatuto relativamente definido na trajetória de vida dos depoentes, como um período determinado cronologicamente, uma função desempenhada ou o envolvimento e a experiência em acontecimentos ou conjunturas específicos. Escolhem-se pessoas que dele participaram ou que dele tiveram conhecimento para entrevistá-las a respeito.

O eixo das entrevistas realizadas para este estudo foi o de operar com a perspectiva da história oral temática, tendo como tema o Curso de Turismo da PUCRS, elaborando, também, uma caracterização dos entrevistados (depoentes), o que nos possibilita construir, através desses sujeitos que vivenciaram o processo, a história coletiva do Curso.

A história oral recupera aspectos individuais de cada sujeito, mas, ao mesmo tempo, ativa uma memória coletiva, pois, à medida que cada indivíduo conta a sua história, esta se mostra envolta em um contexto sócio-histórico que deve ser considerado. Portanto, apesar de a escolha do método se justificar pelo enfoque no sujeito, a análise dos relatos leva em consideração, como já discutido anteriormente, as questões sociais neles presentes.

A partir de entrevistas com pessoas envolvidas com o Curso (coordenadores, ex-coordenadores, professores, ex-professores, ex-alunos, uma funcionária e pessoas ligadas à área do turismo no período de criação do Curso), identificamos questões referentes à origem do Curso, à finalidade, à concepção, ao contexto, à trajetória, registradas e reelaboradas pela memória, refletindo a partir da sua pertinência no tempo presente. Tais narrativas, ao mesmo tempo que podem explicar e contextualizar o Curso, podem abrir caminhos que possibilitem a reflexão sobre esses aspectos, uma vez que relacionam a vivência e as memórias como tempo em que viveram, com os tempos anteriores a ele e com o futuro; concepções que associem, em vários níveis e de vários modos, real e simbólico, história e memória.

Foram realizadas entrevistas com pessoas que tiveram participação na elaboração, implantação e construção do Curso. Para selecioná-las, foi necessário um conhecimento prévio do universo estudado; foi preciso conhecer o papel dos que participaram ou participam do Curso, saber quais seriam os mais representativos e quais são reconhecidos pelo grupo, além de conhecer os que são considerados “desviantes”. Estabelecemos uma “cadeia” informacional com esses sujeitos. As entrevistas foram realizadas nos anos de 2008 e 2009, em horários e locais previamente agendados e tiveram um roteiro flexível (APÊNDICE A), isto é, as questões previamente definidas

sofreram alterações conforme o direcionamento que queríamos dar à investigação e conforme a dinâmica da entrevista. Apenas uma entrevista foi realizada em 2006 e outra em 2010.

A partir daí, os contatos iniciais foram realizados, resultando num conjunto de 32 depoimentos. Destes, 19 docentes ou ex-docentes sendo 5 também ex-alunos, 8 ex-alunos⁶, 1 funcionário, 1 professor da USP que atuou na Pós-Graduação em Turismo da PUCRS e 3 pessoas envolvidas com a atividade turística na década de 1970. Algumas vezes, entrevistamos a mesma pessoa duas vezes⁷.

Inicialmente foi realizado um contato com o entrevistado, a fim de consultá-lo sobre a possibilidade de conceder o depoimento, explicando os objetivos da pesquisa e o método de realização de entrevistas, e informando sobre a necessidade de assinar um documento, o termo de cessão.

Cumpramos ressaltar as dificuldades iniciais que se estabeleceram nos primeiros contatos, como dificuldade de localizar as pessoas e de marcar horários com os entrevistados. Alguns narradores não compreendiam a importância de sua fala, no entanto, a maioria dos entrevistados se sentiam honrados e se disponibilizaram para participar da pesquisa. Houve momentos em que pareciam inseguros e receosos, questionaram a validade da participação e, por vezes, era necessário reiterar a importância de suas memórias para a investigação. Os narradores aposentados comumente acentuam um tom nostálgico às suas lembranças, mas em todas as entrevistas, ao rememorem o passado, as questões afetivas pareceram ocupar boa parte das lembranças dos narradores. E, então, eles falavam acerca das impressões que, na posição de alunos ou de professores, tinham a respeito uns dos outros. Vibraram ao relatarem as conquistas; algumas vezes entristeceram-se ao abordar as dificuldades e os impasses que aconteciam.

O contato com ex-alunos foi bastante difícil; muitos e-mails foram enviados, mas não houve retorno. Entrevistamos ex-alunos que atuam na área, pois aqueles que trabalham em outra atividade se recusaram a participar da pesquisa.

Neste processo de ida a campo, aprendemos muito. Caminhos e travessias que ensinavam a pensar para além do conhecimento imediato e da ingenuidade de supor que poderíamos controlar o evento da entrevista sem sermos afetados pelo desejo daquele que presta seu depoimento. Para continuar investigando o trabalho das memórias,

⁶ Procuramos entrevistar ex-alunos de todas as décadas 1970, 1980, 1990 e 2000.

⁷ Thompson (2001, p. 88) analisa a importância da segunda entrevista, mas apenas com alguns dos narradores, acentuando que as informações que já dispunha da primeira entrevista promoveram outras questões mais específicas a cada um dos entrevistados.

haveria de considerar o lugar construído pelo narrador quando reconstrói as suas reminiscências. Por isso tornamos a escutar a gravação das entrevistas que havíamos realizado. Neste retorno, percebemos a fluidez com que a maioria dos entrevistados ocupava o lugar de narrador para recompor suas experiências no Curso, o que nos possibilitou conhecer o percurso do Curso sempre permeado pela suas histórias de vida.

Durante as entrevistas, fizemos anotações em um diário de campo, com as reações, posturas e impressões do entrevistado, dificuldades nas informações obtidas, novidades nas informações e tudo o que julgamos importante. Foi solicitado aos entrevistados que levassem para a entrevista elementos que evocassem a memória, como fotografias, recortes de jornais e periódicos com menção a fatos específicos que poderiam facilitar o desenvolvimento do trabalho. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas. Após, retornaram aos entrevistados para que assinassem o Termo de Cessão ou Autorização⁸ (ANEXO A).

O ambiente onde se desenrolaram as entrevistas foi bastante relevante. O espaço que se mostrou mais adequado para esse fim foi a casa do narrador, pois, no espaço profissional, havia muitas interferências, embora a maioria dos encontros tenha se dado nesse contexto. Mesmo as entrevistas realizadas em espaços profissionais, tensionadas por interferências externas ou com um tempo exíguo, em geral, atenderam aos propósitos almejados. Poucas vezes persistiu a superficialidade e não avançamos na problematização. Avaliando todas essas ocorrências, vemos que, em alguns casos, as pessoas se mostraram disponíveis desde o primeiro contato (por e-mail ou telefônico) e já começavam a contar suas histórias; em outros, as pessoas não se mostraram tão disponíveis, pois normalmente faziam uma série de perguntas e solicitavam alguns dias para se organizarem.

Os depoentes aceitaram o uso do gravador e, aparentemente, não demonstraram qualquer intimidação. Entretanto, em muitas oportunidades pediram-nos para desligá-lo, ao se referirem a episódios que envolviam outras pessoas, ou se consideravam a narrativa demasiado pessoal. Algumas vezes, parecia ser esse o momento em que narravam os aspectos mais importantes. Em todos esses casos foi respeitada a vontade do entrevistado.

Durante as entrevistas, há alguns instantes que são essenciais. É como se o entrevistado “se apossasse” de seu passado e, então, falasse dele fluentemente. Entretanto, por mais envolvidos que ambos estejam na conversa, o cotidiano, os

⁸ Alguns entrevistados autorizaram a utilização de sua narrativa para a tese, mas preferiram não assinar o Termo de Cessão.

compromissos, o passar das horas chamam o entrevistado de volta ao presente e, rapidamente, as lembranças como que se esvaem. Esse é um aspecto bastante recorrente. Alguns contavam muito sobre sua vida pessoal, sobre seus feitos na área do turismo; outros não viam “utilidade” em falar do que haviam vivido, não entendiam por que falar no passado, e davam muito mais importância à sua narrativa do presente, falavam do Curso ou dos cursos de Turismo na atualidade.

Alberti (2005) chama atenção a um equívoco que, segundo ela, é muito comum e convém evitar: pensar que a entrevista já é a própria história. Assim, procedemos conforme a autora sugere – o pesquisador deve interpretar e analisar a entrevista como fonte, uma fonte oral. Para facilitar esse trabalho orienta-se a transcrição das entrevistas. Estando na forma de texto, deve-se analisar a fonte oral como qualquer documento, fazendo perguntas e verificando como se pode usufruir dessa fonte, tirando dela as evidências e os elementos que contribuirão para resolver o problema levantado.

Chamamos atenção especial para as entrevistas nas quais fizemos alguns ajustes e usamos, segundo Gattaz (1995, p. 136), a transcrição que surge da necessidade de se reformular a transcrição literal para torná-la compreensível à leitura. Na transcrição, há inúmeras frases repetidas, enquanto outras são cortadas pelo entrevistado ou pela qualidade da gravação; há muitas palavras e expressões, devido à própria dinâmica da fala, características da conversa informal – que é o que tentamos fazer. Há estrangeirismos, gírias, palavras chulas, ou seja, termos que são bastante distintos quando falados ou escritos.

A transcrição das entrevistas, muitas vezes, surpreendeu os entrevistados. Por exemplo, quando enviamos e-mail para a professora Norma Moesch solicitando que lesse a transcrição da entrevista para, posteriormente, assinar o termo de cessão, ela respondeu: *Fiquei impactada com a extensão de nossa entrevista! Creio que necessitamos refazê-la, desta vez com maior objetividade, com foco mais fechado em torno do objeto central do teu trabalho.* Muitos outros entrevistados, quando leram a transcrição de suas manifestações, ficaram “chocados”, alguns pela extensão, pela falta de objetividade, outros pela linguagem utilizada durante o processo. Um e-mail recebido da esposa de um dos entrevistados é extremamente esclarecedor:

“Cara Dalila,

Quem está escrevendo é Glenda Chaves, mulher do Edison. Espero tua compreensão e bom-humor na leitura deste desabafo, pois estamos, Edison e eu, só agora nos recuperando da leitura da transcrição da entrevista. Acho que Edison se sentiu como um índio que pela primeira vez observa a si próprio em um vídeo-tape. Inicialmente, o choque e a incredulidade, pensando *não é possível que este seja eu!*. E a seguir aquela

torrente mental de juízos corroendo a imagem extremamente favorável que cada um gosta de (em segredo!) cultivar a respeito de si próprio: *mas como tenho cacoetes, como hesito, como repito a mesma palavra, como interrompo frases para retomá-las com outro sujeito, ficando então sem concordância, como pontuo as frases com expressões coloquiais inúteis (pô, né, diabo a quatro...)*. Eu fico repetindo para ele que o que estamos lendo é a transcrição fidelíssima de uma conversa cheia de informalidade, onde a excelente entrevistadora (tu, Dalila) conseguiu criar um clima de total descontração e sinceridade. Permitiste que as lembranças viessem aos borbotões, muitas delas à primeira vista nem parecem relacionar-se diretamente com o assunto principal da entrevista, mas são informações que complementam, explicam e (acho eu) merecem registro.

Como não sabíamos até que ponto podíamos "mexer" na transcrição (isto é, se era possível "reescrever" tirando as repetições, os cacoetes, estas coisas comuns quando se fala, para assim melhorar o texto escrito), então apenas revisamos usando aquele programa do Word em que marca-se o que se quer modificar (que fica então em vermelho e com um traço na "cintura" das letras) e aparece ao lado, em vermelho e sublinhado, o que nos pareceu mais fiel, e colocamos entre colchetes coisas que, ao falar, se supunham subentendidas ou que são esclarecimento para melhor compreensão. Aproveita o que achares importante, ou, se achares que é possível, nos autoriza a "reescrever". [...].

Um abraço,
Glenda”.

Assim como esses e-mails, muitos outros narradores expressaram sua preocupação quanto à transcrição, por vezes não acreditavam que haviam se expressado daquela maneira, não aceitavam, queriam modificar, reescrever. Um dos entrevistados inclusive não concordou e não assinou o termo de cessão, não autorizou usar sua fala e por isso não fez parte dos narradores. Outros autorizaram o uso de sua narrativa para a pesquisa, mas não autorizaram a cessão para o Centro de Documentação de História Oral da PUCRS.

Em todas as entrevistas, tivemos o cuidado de procurar ser fiel às palavras dos informantes e ao contexto do encontro. Informamos oralmente os objetivos da pesquisa, o uso que faria da entrevista, respeitando as solicitações dos entrevistados, especialmente os momentos em que pediam para desligar o gravador, pois não desejavam que aquilo que diziam ficasse registrado.

Foi durante o trabalho de produção das entrevistas⁹ que o número de entrevistados foi definido, pois é conhecendo e produzindo as fontes de sua investigação que os pesquisadores adquirem experiência e capacidade para avaliar o grau de adequação do material já obtido aos objetivos do estudo. Esse número só se configura a medida que a investigação avança.

Neste estudo, iremos recorrer ao conceito de "saturação", formulado por Daniel Bertaux (1980). De acordo com esse autor, há um momento em que as entrevistas

⁹ Algumas fitas encontram-se arquivadas no Centro de Documentação de História Oral da PUCRS.

acabam por se repetir, seja em seu conteúdo, seja na forma pela qual se constrói a narrativa. Quando isso acontece, continuar o trabalho significa aumentar o investimento enquanto o retorno é reduzido, já que se produz cada vez menos informação. Esse é o momento que o autor chama de “ponto de saturação”.

Muitas vezes, após fazer uma entrevista, acabávamos sendo lançados em direção a um documento que, antes, não teria sido usado, ou seja, uma entrevista remetia a uma fonte escrita e vice-versa.

Magalhães (1999), ao analisar a história das instituições educativas, enfatiza o quanto as pesquisas com memórias são estimulantes por permitirem que se busquem outras possibilidades, que podem ir além da história oral para compreender uma realidade educacional. Desafia o historiador a investigar outros suportes de memória, como os registros escritos que tenham relação com o objeto a ser pesquisado, como itinerários dos atores educativos da escola. O autor diz que “a memória de uma instituição é, não raro, um somatório de memórias e de olhares individuais ou grupais.” E, a partir dessas relações entre memória e documentação, o historiador consegue atribuir um sentido epistemológico para seu trabalho, ou seja, “um sentido para a história das instituições educativas” (Ibid., p. 71).

De acordo com Boaventura Santos (2002, p.48), todo o conhecimento que se produz é um conhecimento sobre as “condições de possibilidade da ação humana projetada no mundo a partir da relação espaço-tempo local”, e este tipo de conhecimento não pressupõe um método único, e, sim, uma “pluralidade metodológica”, cabendo ao pesquisador criar seus métodos, que permitam responder às perguntas e às inquietações próprias de sua investigação. Assim, “o método é um caminho a linguagem, e a realidade responde na língua em que é perguntada. Só uma constelação de métodos pode captar o silêncio que persiste entre cada língua que pergunta”. Portanto, a invenção de um método implica constantes escolhas, seleções, exclusões que acompanham o historiador ao longo do desenvolvimento de sua pesquisa.

Entre as incursões que realizamos no trabalho com a história oral, paralelamente foi realizada uma pesquisa documental e bibliográfica. Para subsidiar a investigação, utilizamos várias e amplas fontes que viabilizaram a reflexão sócio-educativo-cultural, para a crítica e interpretação dos documentos coletados.

A pesquisa bibliográfica compreende o levantamento de referências sobre o fenômeno estudado junto a publicações acadêmicas na área da educação e do turismo. Foram pesquisados periódicos, livros, revistas, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso, bem como realizadas consultas na Internet.

O referencial teórico foi então sistematizado a partir de um conjunto de conhecimentos produzidos nesses materiais, o que fundamentou o desenvolvimento da pesquisa propriamente dita. As fontes documentais utilizadas para este estudo foram os anuários da PUCRS (de 1971 a 2008); documentos disponíveis no arquivo morto do Departamento de Turismo; notícias da imprensa da época, especialmente do jornal “Correio do Povo/RS¹⁰” no período 1970-1976, jornal o qual, na década de 1970, diariamente publicava textos sobre turismo, período de criação e implantação do Curso de Turismo da PUCRS, disponíveis no acervo Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, na cidade de Porto Alegre; acervos de Oswaldo Goidanich, Roberto Eduardo Xavier, disponível no Núcleo de Pesquisa em Ciências da Comunicação (NUPECC)¹¹.

Outro documento relevante para a pesquisa é o livro memorialístico, que foi organizado por Hilda Flores, produzido por diretores da FAMECOS, professores do Curso e pessoas ligadas ao turismo no Rio Grande do Sul. O livro pretende registrar a história do Curso de Turismo da PUCRS e do turismo no Rio Grande do Sul; destaca nomes de diretores, alunos, professores e pessoas importantes para o Curso, e se propõe a preservar lembranças de fatos importantes escritos por essas pessoas.

As fotografias são uma documentação muito preciosa, porém foram pouco identificadas. Embora tenhamos solicitado aos entrevistados, poucos dispõem ou dispuseram suas fotografias para o estudo, apenas alguns têm fotos muito pontuais, como, por exemplo, sua foto de formatura ou sua foto palestrando; dificilmente registrando algum momento do Curso como um todo. Muitos falaram da existência de fotos registrando momentos do Curso, porém não conseguimos identificá-las. Por vezes, as fotos poderiam ter se constituído em evocadores de memórias nas entrevistas. É bom lembrar que as fotos não se apresentam como documentos isolados, precisam estar contextualizadas aos temas apresentados visualmente, e, algumas vezes, ao longo do trabalho, elas aparecem como elementos ilustrativos e alusivos aos temas que estão sendo abordados.

É importante mencionar as dificuldades encontradas durante a coleta de dados e também na análise documental. Ao pesquisar a documentação sobre o curso, tivemos uma série de dificuldades e, muitas vezes, não tivemos retorno das solicitações, impossibilitando o acesso aos dados. A documentação disponível na Universidade sobre

¹⁰ O Correio do Povo é um jornal impresso brasileiro em formato tabloide pertencente à Central Record de Comunicação com circulação no estado do Rio Grande do Sul. Fundado em 1º de outubro de 1895 por Caldas Júnior, foi o jornal de mais longa publicação em Porto Alegre, circulando por 89 anos ininterruptamente, até 1984, reiniciando sua publicação em 1986.

¹¹ Atualmente estes acervos encontram-se na Biblioteca central da PUCRS.

a sua própria história e, especialmente, sobre o Curso de Turismo é insuficiente, além de se encontrar de forma dispersa e desarticulada. Pesquisamos documentos oficiais, que se traduzem em Portarias, Resoluções e Projetos de cursos, Relatórios de atividades, documentos variados, e tivemos acesso a documentos ainda não catalogados. Não tivemos acesso aos dados da Pró-Reitoria de Graduação.

O rastreamento de documentos, como ofícios, grades curriculares, projetos, atas, fotos, material promocional, jornais, matrículas, pertencentes ao acervo do Curso de Turismo da PUCRS foram de inquestionável valia, pois forneceram dados elucidatórios a respeito dessa história.

A análise da documentação foi feita com o entrecruzamento dos fragmentos dos depoimentos orais, respeitando a singularidade de cada uma das fontes. O uso de fontes de naturezas escrita (documentos) e oral (entrevistas) deu-se no sentido de poder abarcar uma amplitude maior de informações. As entrevistas foram fundamentais, porque, através desses depoimentos, obtivemos acesso aos pressupostos não oficiais, ou melhor dizendo, a outros aspectos “ocultos” que, por sua vez, estiveram presentes no espaço institucional, mas não ficaram registrados em documentos oficiais.

Posteriormente, os documentos escritos e o documento oral foram analisados e tomados como um todo. Isso significa ouvir as entrevistas ou lê-las do início ao fim, observando como as partes se relacionam com o geral e como essa relação vai constituindo significados sobre o passado e o presente e sobre a própria entrevista. É atentar também para relatos, interpretações e pontos de vista desviantes, isto é, que não se encaixam nos significados produzidos.

No processo de escrita do texto, utilizamos fontes escritas e fontes orais, diversas vezes, misturadas e entrelaçadas, como uma opção ética e metodológica, apostando num processo mais criativo do que “metódico”.

Em Bardin (1979), encontramos apoio para organizar a imensidão de dados transcritos em torno de categorias que lhes dessem significados. Assim, as informações foram analisadas por meio de análise de conteúdo temática das entrevistas. Essa análise consiste em identificar temas, localizando os “núcleos de sentido” que estão presentes em palavras, frases ou resumos. O tema é a unidade de significação que flui naturalmente de um texto. A análise das informações das ideias expressas nas narrativas, foi realizada mediante procedimentos de análise de conteúdo, incluindo descrições e citações ilustrativas.

Para Bardin (1979, p.42), a análise de conteúdo pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do

conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

Bardin (1979) argumenta que as análises de conteúdo temáticas podem ser organizadas em três etapas: a pré-análise, a exploração ou análise do material, e a inferência e interpretação. No presente estudo, essas etapas foram realizadas da seguinte forma: na pré-análise, as informações obtidas foram lidas atentamente para selecionar aquelas de interesse direto para o estudo, com vistas a resultados claramente relacionados com os objetivos. Na etapa de exploração ou análise do material, o texto foi recortado em seus núcleos de sentido, buscando identificar as palavras, frases ou depoimentos (as primeiras categorias) a serem trabalhados. A seguir, novas leituras das entrevistas foram feitas para reavaliar a adequação das primeiras categorias criadas. Por último, na etapa da inferência e interpretação, as informações foram descritas em forma de narrativa histórica.

Procuramos compreender, a partir da “arte de narrar” e de “intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1994, p.198), como os narradores construíram seus laços afetivos e simbólicos junto às lembranças universitárias vivenciadas nos tempos/espacos de sociabilidade do Curso.

Os narradores, grupos de pertencimento distintos, têm em comum a experiência de terem vivenciado o Curso e, por isso, são capazes de recompor, pela sua evocação, as memórias sobre a experiência universitária vivida. A forma escolhida para representar os momentos em que ocorreram os processos de interação envolvendo o lembrar/contar/ouvir foi tecendo as memórias dos narradores. Buscamos acompanhar o fluxo narrativo de suas memórias apresentando excertos das entrevistas¹², retirando, no entanto, alguns excessos pela vulnerabilidade em que esses se colocavam frente às lembranças que fluíam em suas narrativas.

1.3 Os Guias da Pesquisa

Faremos uma apresentação sucinta dos narradores, conforme o quadro a seguir:

¹² Destacamos que durante a narrativa histórica, quando a narrativa dos sujeitos da pesquisa, um trecho “citável” estiver incorporada ao texto será apresentada em fonte 12 e em itálico, e quando for superior a quatro linhas, deslocamento de 4cm e espaço simples. Do mesmo modo, as palavras e expressões significativas referidas por estes mesmos narradores.

Categoria	Narradores
Docentes ou ex-docentes do Curso de Turismo/ FAMECOS/PUCRS	Elvo Clemente Renato Batista Masina Antoninho Muza Naime Eugênio Machado Paulo Francisco Rolhano Nardi Cleusa Maria Andrade Scroferneker Julio Balzano Jerônimo Carlos Santos Braga Berenice Mércio Pereira Antonio Carlos Castrogiovanni Marutschka Martini Moesch Leandro Antônio de Lemos Susana de Araujo Gastal Abdon Barretto Filho
Ex-alunos e também docentes ou ex-docentes do Curso de Turismo/ FAMECOS/PUCRS	Norma Martini Moesch Diney Adriana Nogueira de Oliveira Gladis Terezinha Garcia Luis Gustavo Silva Silvana Lehn
Ex-alunos do Curso de Turismo/ FAMECOS/PUCRS	Lenora Horn Schneider Ana Lucia Touguinha Weigdle Márcia Merllo Rita de Cássia Michelin Maurício Schaidhauer Sabrina Gomes Dias Ivone dos Passos Maio Giana Pereira Borges
Funcionária	Flávia Custódio
Professor da USP que atuou na Pós-Graduação em Turismo da PUCRS	Mario Carlos Beni
Pessoas envolvidas com a atividade turística na década de 1970	Edison Baptista Chaves Victor Faccioni Sizenando Venturini

Quadro 1 – Os Narradores da Pesquisa

Fonte: O autor (2010)

– **Irmão Elvo Clemente:** entrevistado no dia 03/06/2006, no segundo semestre do curso de doutoramento, como trabalho final da disciplina História Oral, sob a responsabilidade da professora Núncia Constantino. Foi a primeira entrevista e foi realizada no gabinete do professor que ocupava uma Assessoria Especial da Reitoria da PUCRS. Elvo Clemente é Doutor em Letras Clássicas e professor titular da Faculdade de Letras da PUCRS. Já atuava na PUCRS quando foi criado o Curso de Turismo.

– **Renato Batista Masina:** graduado em Economia. Foi entrevistado no dia 25/03/2008 em sua residência. Em meados de 1971 foi cedido da UFRGS, instituição da qual era docente, para a SUDESUL a fim de trabalhar no Plano Regional de Turismo e, a partir daí, surge o seu envolvimento com o turismo. Atuou no curso desde sua concepção; foi responsável pela organização e também foi o primeiro coordenador do Departamento de Turismo. Atualmente, é professor aposentado pela UFRGS e escreve alguns artigos sobre turismo para jornais.

– **Antoninho Muza Naime:** foi entrevistado em 08/10/2008 na Biblioteca da PUCRS. É bacharel e licenciado em História, pós-graduado em Comercialização pela Fundação Getúlio Vargas - FGV e, de 1978 a 1979, realizou especialização em Administração em Turismo, pela PUCRS. Foi um dos participantes da fundação do Curso, professor e coordenador e vice-diretor da FAMECOS. Ingressou na PUCRS em 1973, assumindo a coordenação em 1977. Em 1990 saiu do Curso, mas permaneceu na PUCRS até 2006 como diretor da EDIPUC. Atualmente é aposentado.

– **Eugênio Machado:** foi entrevistado em 06/06/2008, em seu local de trabalho. Atuou como diretor Exprinter de 1949 até 1995. Foi professor do curso de Turismo da PUCRS durante os anos iniciais.

– **Norma Martini Moesch:** possui graduação em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1974); mestrado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1997). Foi aluna da primeira turma do curso de Turismo da PUCRS e docente da mesma instituição no período de 1978 a 2002. Coordenou o curso de Turismo de 1988 a 1997. Atualmente, é consultora externa do Ministério de Turismo, professora do Centro Universitário Franciscano e Secretária de Turismo de Santa Maria/RS. A primeira entrevista com a professora Norma foi realizada em 12/03/2009, no Hotel Itaimbé, em Santa Maria/RS, e a segunda, no dia 06/04/2010, na Secretaria de Turismo de Santa Maria.

– **Paulo Francisco Rolhano Nardi:** foi coordenador do curso por duas gestões. É formado em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (1969), fez especialização em Administração do Turismo pela PUCRS, em 1978, especialização em Administração Pública pela Faculdade São Judas Tadeu, em 1982, e mestrado em Comunicação Social na PUCRS, em 2004. Ingressou na PUCRS em 1980 e se desligou em 2007. Atualmente, é professor aposentado.

– **Cleusa Maria Andrade Scroferneker:** graduada em Comunicação Social pela PUCRS (1973), Licenciada em Geografia (1973) e Bacharel em (1976) pela UFRGS, mestre em Planejamento Urbano e Regional pela UFRGS (1983) e doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo – USP (2000). Foi entrevistada no dia 11/06/2008 na FAMECOS/PUCRS. Ingressou na PUCRS em 1974, lotada no antigo Instituto de Ciências Humanas, no departamento de Geografia, e atuou como professora no Curso de Turismo durante a década de 1970.

– **Julio Balzano:** foi entrevistado no dia 02/12/2008 em sua residência. É formado em Administração de Empresas, pela PUCRS, em 1970. Em 1976 começou a dar aulas na PUCRS e aí permaneceu até 1980. Atualmente é professor da FARGS e empresário.

– **Jerônimo Carlos Santos Braga:** não foi professor do Curso de Turismo, mas foi docente da FAMECOS/PUCRS e um dos diretores da faculdade. Realizamos a entrevista no dia 11/11/2008 na EDIPUC – PUCRS. Jerônimo Braga é bacharel em Comunicação, especialista em Relações Pública e Publicidade e Propaganda e Mestre em Comunicação Social. Atualmente, é diretor da Editora da PUCRS – EDIPUC.

– **Diney Adriana Nogueira de Oliveira:** foi entrevistada no dia 08/10/2008 na Casa de Cultura Mário Quintana. É bacharel em Turismo pela PUCRS (1976), especialista em Administração em Turismo pela PUCRS (1979), especialista em Desarrollo Turístico pela Escola Oficial de Turismo, EOT, Espanha (1987), mestre em Comunicação Social pela PUCRS (1997) e doutora em Comunicação Social pela PUCRS (2002). Foi professora do Curso de Turismo da PUCRS de 1980 a 2006 e assumiu a coordenação do Curso por um período pequeno. Desde 2007, atua na Castelli Escola Superior de Hotelaria. A professora Diney Adriana também foi aluna do Curso.

– **Berenice Mércio Pereira:** é Bacharel em Jornalismo pela UFRGS. Especialista em Metodologia do Ensino Superior, pela Faculdade de Educação da PUCRS, mestre em Comunicação Social pela PUCRS (2000). Ingressou como professora na PUCRS em 1990 e permaneceu no Curso de Turismo até 2009. Coordenou o Curso de agosto de 1999 a fevereiro de 2006. Nossa entrevista com a professora foi realizada no dia 13/05/2008 no Laboratório de Hospitalidade da PUCRS. Atualmente, é professora na Castelli Escola Superior de Hotelaria.

– **Gladis Terezinha Garcia:** foi aluna e professora do Curso de Turismo. Foi entrevistada no dia 06/01/2009, no seu local de trabalho, na Secretaria Estadual de Turismo. Bacharel em Turismo pela PUCRS (1978) e especialista em Turismo e Lazer também pela PUCRS.

– **Antonio Carlos Castrogiovanni:** é graduado em Geografia pela UFRGS (1980), mestre em Educação pela UFRGS (1995) e doutor em Comunicação Social pela PUCRS (2004). Atualmente, é professor adjunto da UFRGS, professor do Departamento de Humanidades no Colégio de Aplicação e professor titular da PUCRS. A entrevista com o professor foi realizada na PUCRS no dia 03/11/2008. Iniciou seu trabalho na PUCRS em 1984, como geógrafo, do curso de Estudos Sociais e atua no Curso de Turismo desde 1985.

– **Marutschka Martini Moesch:** essa entrevista ocorreu em duas etapas, a primeira no dia 11/09/2008, na sala da coordenação do Departamento de Turismo – FAMECOS – PUCRS e a segunda no dia 06/05/2009 na FACE/ PUCRS. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS (1982),

especialização em Educação pela UFRGS (1989), mestrado em Comunicação pela PUCRS (2000) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2004). Coordenou o Curso de Turismo de 2006 a 2009. Atualmente é professora desse Curso.

– **Leandro Antônio de Lemos:** foi entrevistado no dia 24/11/2008 na Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia da PUCRS, unidade na qual o professor é lotado. Possui graduação em Ciências Econômicas pela UFRGS (1987), mestrado em Economia pela UFRGS (1993) e doutorado em Turismo pela Universidade de São Paulo (2001). Atualmente é professor da PUCRS e Sócio-diretor da Job Labor Desenvolvimento Empresarial. Em 1989 foi convidado para atuar junto ao Curso de Turismo. Esteve um pouco afastado por alguns anos, mas, em 2006, voltou a ministrar disciplinas para o Turismo.

– **Susana de Araujo Gastal:** graduada em Comunicação Social pela PUCRS (1974), mestre em Artes Visuais pela UFRGS (1995) e doutora em Comunicação Social pela PUCRS (2002). Atualmente é professora do Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul e do Curso de Turismo da PUCRS, desde 1995. Com a professora Susana também realizamos dois encontros para a entrevista, o primeiro no dia 14/07/2008 no prédio 5 da PUCRS e o segundo no dia 05/08/2008 no Laboratório de Hospitalidade/FAMECOS/PUCRS.

– **Abdon Barretto Filho:** foi entrevistado no dia 11/11/2008 no local de trabalho – Hotel Plaza São Rafael em Porto Alegre. É graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal da Bahia (1976), especialista na área de Marketing e Negócios Turísticos e Hoteleiros e mestre em Comunicação Social pela PUCRS (2001). Atualmente é professor do Centro Universitário Franciscano – UNIFRA; professor da PUCRS; conselheiro – Hotel Plaza São Rafael e Diretor de Marketing da Rede Plaza de Hotéis, Resorts & Spas – Brasil. Ingressou como docente na PUCRS em 1996.

– **Luis Gustavo Silva:** é professor e ex-aluno do curso. Realizamos a entrevista no dia 01/10/2008, no Laboratório de Hospitalidade da FAMECOS – PUCRS. É bacharel em Turismo pela PUCRS (2000) e mestre em Planejamento Urbano e Regional pela UFRGS (2009). Atualmente é professor dos Cursos de Turismo e Hotelaria da Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia (FACE) da PUCRS.

– **Silvana Lehn:** é ex-aluna e professora do Curso. A entrevista foi realizada em 08/12/2008 na UNILASALLE em Canoas. Possui graduação em Turismo pela PUCRS (1999) e Mestrado em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí/SC (2004). Atualmente é professora coordenadora do Curso de Turismo do Centro

Universitário La Salle (Unilasalle – Canoas/RS) e docente dos Cursos de Hotelaria e de Turismo da PUCRS.

– **Lenora Horn Schneider:** ex-aluna do Curso da década de 1970, foi entrevistada no dia 01/07/2008 em seu local de trabalho, na Secretaria Estadual de Turismo – SETUR. É bacharel em Turismo (1974) e em Economia pela PUCRS, especialista em Gestão Empresarial pela Universidade do Porto. Foi professora dos cursos de Turismo do IPA e coordenadora do curso de Turismo da ULBRA, em Torres. Atualmente, trabalha na SETUR.

– **Ana Lucia Touguinha Weigdle:** ex-aluna do Curso da década de 1970, foi entrevistada no dia 17/07/2008 no seu local de trabalho – SETUR. Ela ingressou no curso de Turismo em 1975. É bacharel em Turismo pela PUCRS (1977) e especialista em Administração em Turismo pela PUCRS, em 1979, e trabalha na SETUR.

– **Márcia Merllo:** ex-aluna, foi entrevistada no dia 03/08/2008 no seu local de trabalho, na SETUR. É bacharel em Turismo pela PUCRS (1987) e especialista em Produção e Gestão do Turismo pela PUCRS (1999). Ingressou no curso em 1984 se formou em 1987.

– **Rita de Cássia Michelin,** ex-aluna, ingressou no Curso de Turismo em 1983. Entrevistada no dia 21/07/2008 em sua empresa. Atualmente, sócia proprietária da MILANO TURISMO & CONSULTORIA e professora do curso de Turismo da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Campus de Santo Ângelo. É graduada em Turismo pela PUCRS (1986), especialista em Comunicação, Gestão e Marketing Turístico pela PUCRS (2006) e mestranda em Turismo da Universidade de Caxias do Sul.

– **Maurício Schaidhauer:** ex-aluno, foi entrevistado no dia 23/01/2009, na Cooperativa de Formação e Desenvolvimento do Produto Turístico Ltda, COODESTUR. Ingressou no Curso em 1997 e finalizou no ano de 2001. Graduado em Turismo pela PUCRS (2001), mestrando da UFRGS no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural. Atualmente é consultor do SEBRAE/RS e sócio cooperado da COODESTUR.

– **Sabrina Gomes Dias:** ex-aluna do curso, ingressou em 1993 e finalizou em 1996. A entrevista foi realizada no dia 22/01/2009, no seu local de trabalho, no SENAC. Possui graduação em Turismo pela PUCRS (1996), especialização em Produção e Gestão do Turismo (1999), e mestrado em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul/UCS (2005). Atualmente é técnica de Nível Superior do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial do RS - SENAC, professora do Centro Universitário Metodista - IPA/RS e docente de Nível Superior do SENAC-RS.

- **Ivone dos Passos Maio:** ingressou como aluna do Curso em 1999. Foi entrevistada no dia 16/12/2008, na residência de seus familiares em Pelotas/RS. É graduada em Turismo pela PUCRS - (2004) e mestre em Turismo pela UCS (2006). Atualmente professora do curso de Turismo da Faccat - Faculdades de Taquara.
- **Giana Pereira Borges:** ex-aluna da década de 1990, foi entrevistada no seu local de trabalho – SESC, no dia 22/01/2009. É Bacharel em Turismo (1996) e pós-graduada em Elaboração de Projetos Sociais e Culturais pela UFRGS e em Administração Hoteleira pelo SENAC.
- **Flávia Custódio:** funcionária, foi entrevistada no dia 23/07/2008 no Laboratório de Hospitalidade – FAMECOS – PUCRS. Ingressou na PUCRS em 1987 para a FAMECOS - Faculdade de Comunicação Social, e não especificamente para o Curso de Turismo.
- **Mario Carlos Beni:** professor na USP, mas atuou na pós-graduação em Turismo da PUCRS e colaborou inúmeras vezes nesse Curso. Nossa entrevista se realizou em 06/05/2009 na Universidade de Caxias do Sul – UCS. Possui graduação em Engenharia Civil pela Universidade Federal Fluminense (1963) e em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal Fluminense (1968), mestrado em Ciências Sociais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1981) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1988).
- **Edison Baptista Chaves:** economista, foi entrevistado no dia 06/06/2008 no Hotel Embaixador em Porto Alegre. Foi professor na Faculdade de Economia UNISINOS, atuou na Rede Plaza de Hotéis e no Porto Alegre Convention Visitors & Bureau¹³.
- **Victor Faccioni:** foi entrevistado em seu local de trabalho, Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul, em 06/06/2008. É contador, economista e bacharel em Direito. Foi Deputado Estadual (1967/1969).
- **Sizenando Venturini:** foi entrevistado no dia 08/05/2008 no seu local de trabalho, no Hotel Embaixador do qual é proprietário.

Buscamos informações sobre os personagens da história que estamos analisando e suas relações com o Curso e a Universidade, entremeando os dados obtidos através de

¹³ Porto Alegre Convention Visitors & Bureau é uma fundação de direito privado, sem fins lucrativos e de natureza cultural, que visa ao desenvolvimento do turismo de eventos, tendo como âmbito de atuação a cidade de Porto Alegre e região metropolitana. Tem como objetivo aumentar o fluxo turístico em Porto Alegre. Atua na captação, geração e apoio a eventos. Além disso, desenvolve ações que resultam na formação de uma imagem favorável à cidade. O Porto Alegre CVB atua como órgão de apoio e dinamização junto aos diversos setores ligados ao segmento turístico, prestando cooperação e apoio técnico, disponibilizando material promocional, acesso ao banco de imagens, estatísticas e outros dados especializados, além de organizar e acompanhar visitas de familiarização e inspeção à Porto Alegre e região metropolitana.

referências bibliográficas, documentos e entrevistas. Utilizamos as narrativas dos entrevistados e algumas informações da Plataforma Lattes para trazer um pouco da história pessoal e profissional dos nossos guias (APÊNDICE B)¹⁴.

Nosso propósito, ao estudar a memória do Curso de Turismo da PUCRS, a partir de fontes oral, documental e bibliográfica, foi de compreender o passado a partir das memórias coletivas, ou seja, a partir de uma abordagem que procura o sentido atribuído aos fatos passados por aqueles que, de uma forma ou de outra, estavam envolvidos com esses mesmos fatos. Desse modo, auxilia-nos no entendimento e questionamento do presente, buscando, através da memória do Curso de Turismo, entender o seu contexto e suas transformações, fazendo com que a área do turismo conheça a sua própria história.

Portanto, considerando essas reflexões acerca dos sentidos da História da Educação e dos caminhos trilhados nesta pesquisa, encaminhamo-nos para as outras etapas, nesta relação de partidas, de estadas e de retornos que o *corpus* empírico e a problemática deste estudo se constituíram. Um processo de transformação incessante entre a intenção inicial de pesquisar a História do Curso de Turismo e o desafio de explorar outros conhecimentos, tomando o trabalho da memória social enquanto uma produção humana e coletiva, vão constituindo a história que pretendemos narrar, elegemos uma trajetória possível, na qual percebemos um pouco de nós nela, do que acreditamos, do que fomos, do que estamos sendo, do nosso encantamento com o passado.

¹⁴ Apresentamos nominalmente os sujeitos da pesquisa e procuramos explicar a relação dos narradores com o turismo e com o Curso, trazendo um pouco da história de vida desses “companheiros” que nos emprestaram suas vozes para que falássemos nesta tese. Narradores que auxiliaram na definição dos rumos da pesquisa. São eles que ocupam o lugar da experiência, revisitando os espaços/tempos em que participaram do curso de Turismo da PUCRS.